

CARTA DO  
**LÍBANO**

Salim Maroun  
**O LEGADO  
DE UM  
HOMEM  
JUSTO**

O RESPONSÁVEL PELO  
SUCESSO DA REDE  
OUTBACK NO BRASIL

**SAGA  
LIBANESA**

Francisco Rezek  
Amyr Klink  
Roberto Habib  
Salman Btaddini

**CINEMA  
LIBANÊS:  
“CAFARNAUM” DE  
NADINE LABAKI**

**HISTÓRIA**  
Um país em  
seu melhor  
momento

# Campos do Jordão - SP

à 200 km de SP

## HOTEL NACIONAL INN



reservas@nacionalinncampos.com.br

RESERVAS: (12) 3663.3887 - 3663.3577

Rua Joaquim Pinto Seabra, 208  
Vila Everest - Campos do Jordão/SP

FAÇA SUA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

# Poços de Caldas - MG

à 250 Km de SP

HOTEL + PISCINAS AQUECIDAS + PARQUE WALTER WORD



ALL INCLUSIVE



comercial@thww.com.br  
+55 (35) 2101-8080

Av. Vereador Edmundo Cardillo, 3131  
Jardim Del Rey

www.nacionalinn.com.br



UMA PUBLICAÇÃO  
DA EDITORA NAIME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL

FOUAD NAIME  
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE  
DUSHKA E MAYU TANAKA · ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO  
MARIO MENDES  
TATIANA CASSER CSORDAS

FOTOS  
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS  
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO  
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA  
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908  
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



FOTO  
AGÊNCIA O GLOBO

EDITORIAL

# RETRATOS ÉPICOS

**N**esta edição de Carta do Líbano temos o prazer de, mais uma vez, relatar a saga e reafirmar a importância do legado da imigração libanesa. Através de perfis e de um momento histórico ímpar, celebramos o melhor da vida e da cultura libanesas.

A trajetória atribulada e vitoriosa do empresário Salim Maroun - da bem sucedida operação dos restaurantes Outback, no Brasil - é resgatada através de um depoimento emocionante de seu filho, Jean-Paul Maroun.

O navegador, explorador e escritor Amyr Klink fala de suas aventuras pelos "sete mares" e de como foi influenciado pela natureza desbravadora de seus antepassados.

Do Líbano para o interior do Brasil: o empresário Salman Btaddini deixou sua marca na cidade de Goiânia, com muito trabalho e honestidade.

Focalizando os conflitos sociais no Líbano de hoje, a cineasta Nadine Labaki conquistou as plateias internacionais, foi premiada em Cannes e indicada ao Oscar por seu segundo filme, "Cafarnaum".

Também envolvido com o social, o ex-ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, assina um texto sobre o espírito resiliente do povo libanês.

Finalmente, um registro dos acontecimentos que resultaram no grande momento da história recente do Líbano. O período entre os anos 1940 e 1970, quando o país conheceu seu apogeu político, econômico e cultural.



FOUAD NAIME  
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

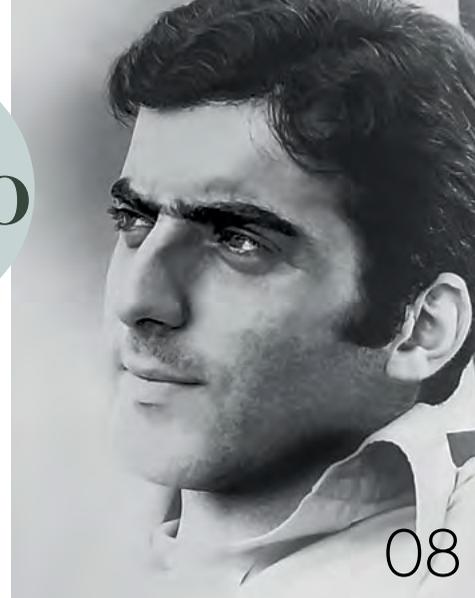
f @cartadolibano

o @cartadolibano

# SUMÁRIO

ANO 24 • NÚMERO 169 • 03&04.2019

CARTA DO  
**LÍBANO**



## 06 | Cartas

### 08 | Saga libanesa Salim Maroun

Em relato emocionado, Jean-Paul Maroun, conta a trajetória do pai, Salim Maroun, responsável pelo sucesso da rede Outback no Brasil

### 18 | Saga libanesa Francisco Rezek

Escrito pelo renomado jurista, o texto fala do espírito desbravador, empreendedor e da resiliência do povo libanês. O ex-procurador da República e ex-ministro das Relações Exteriores e do Supremo Tribunal Federal, ressalta a presença e a importância da imigração libanesa - da qual é descendente - não só no território brasileiro, mas também na história do País

### 26 | Saga libanesa Amyr Klink

Ele nasceu no Brasil, porém seu gosto pela aventura, por explorar o desconhecido e a capacidade de compartilhar essas experiências é a herança que recebeu de seu pai e de seus antepassados do Líbano

### 34 | Saga libanesa Roberto Habib

Em relato pungente, o professor Roberto Habib, diretor da Escola Libanesa do Rio de Janeiro, narra a história de sua família e a sua própria

trajetória pessoal e profissional até chegar ao trabalho dos seus sonhos

### 38 | Saga libanesa Salma Btaddini

Empresário libanês que adotou o Brasil e a cidade de Goiânia, Salman Btaddini foi exemplo de trabalho e honestidade

### 44 | Artigo

O cardiologista Edmo Atique Gabriel escreve sobre a prevenção do infarto do coração

### 46 | Sociedade

Em Portugal, Mônica Hial Abreu recebeu familiares e amigos para comemorar o aniversário com duas festas

### 50 | Cinema libanês

A lendária cidade bíblica serve como título para o terceiro filme da cineasta libanesa Nadine Labaki, vencedor de um prêmio no Festival de Cannes e indicado ao Oscar 2019

### 54 | História

Progresso econômico, efervescência cultural, alta qualidade de vida. Assim era o Líbano entre o final da Segunda Guerra e os anos 1970. Resultado de um passado conturbado e prenúncio de um futuro incerto

### 62 | Artigo

A advogada Verônica Rezek escreve sobre a crise humanitária na Venezuela



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME .....

E-MAIL ..... TEL. ....

ENDEREÇO .....

CEP ..... CIDADE ..... ESTADO .....



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede  
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 - São Paulo/SP  
ou para o nosso endereço eletrônico [contato@cartadolibano.com.br](mailto:contato@cartadolibano.com.br)

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500  
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO • AGÊNCIA 95 • CONTA CORRENTE 21114-1

# CARTAS

**Ao editor da revista Carta do Líbano,**

“Gostaria de agradecer profundamente ao editor Fouad Naime e à sua talentosa equipe pela qualidade e capricho da matéria e da capa com que me brindaram e à minha família na prestigiosa revista Carta do Líbano. Essa publicação, que há mais de 20 anos exalta a história, as realizações e as personalidades da imigração libanesa no Brasil, vem se transformando num rico e consistente acervo da comunidade em nosso país, registrando, para as futuras gerações, as trajetórias, as histórias e as imagens de suas origens e de seus antepassados. Conhecendo o passado, entendemos o presente e nos preparamos para o futuro. Muito obrigada! Chukran!

**Katia Chalita**

Presidente do Instituto de Cultura Brasil Líbano  
Presidente da Aliança Francesa do Rio de Janeiro

**Edição especial Uberaba**

“É com grande satisfação que acabo de receber a edição especial da revista

Carta do Líbano onde carinhosamente Fouad Naime dedicou-se a mostrar as famílias libanesas de Uberaba. Impecável seu trabalho, Fouad! E obrigada pelas gentis palavras.

**Monica Cecílio Rodrigues, advogada**  
Uberaba -MG

“Agradeço a reportagem sobre a minha pessoa e o interesse em registrar a memória das famílias libanesas em Uberaba.

**Demilton Dib**  
Uberaba - MG

**Carta do Líbano**

“Parabéns, querido Fouad Naime, pela qualidade de Carta do Líbano! Mabrouk!  
**Albino Castro**  
São Paulo -SP

“Parabéns Fouad, sucesso sempre!

**Marie Rose Sleiman**  
Campo Grande - MS

“Sou leitor assíduo. Revista excelente, com textos muito bem redigidos e ricos culturalmente. Vida longa.

**Lidivaldo Reaiche**  
Salvador -BA

“Parabéns Fouad Naime! Seu trabalho é excelente! Que continue por muitos anos nos trazendo seus registros!

**Beth Feres de Aguiar**  
Niterói - RJ

“Parabéns! Excelente conteúdo e primorosa apresentação.

**Sylvana Zein**  
Piracicaba -SP

“Parabéns sempre pelo trabalho. Foi um prazer muito grande, conhecer suas publicações.

**Monica Cecilia Resende Gonçalves**  
Uberaba - MG

“Parabéns Fouad Naime, você desenvolve um brilhante trabalho meu amigo!

**Hanna Mtanios Hanna Júnior**  
Cônsul honorário de Líbano em Goiás

## O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais [libano.gov.lb/](http://libano.gov.lb/)



SALIM MAROUN

# O LEGADO DE UM HOMEM JUSTO

Em relato emocionado, Jean-Paul Maroun, conta a trajetória do pai, Salim Maroun, responsável pelo sucesso da rede Outback no Brasil. Um caminho repleto de luta, perseverança e ética, virtudes que sempre permearam a vida de um dos maiores empreendedores que o país já conheceu

A experiência de Salim Maroun é um exemplo que pode ser útil para os empresários de hoje



“Ele teve uma história de vida onde desistir não era uma opção. Foi sequestrado durante uma guerra, perdeu tudo duas vezes, teve de recomeçar a vida outras três, morou sozinho em diferentes países que não conhecia...”

**N**o país das churrascarias, a rede americana de restaurantes Outback conseguiu uma façanha e tanto ao cair no gosto do público com o seu estilo steakhouse, que é a base de seu cardápio rápido, prático e com preços competitivos. Apenas no ano passado, a marca atendeu em seus 100 endereços brasileiros cerca de 40 milhões de pessoas: “Isso significa 20% da nossa população”, observa o empresário Jean-Paul Maroun. “Hoje a empresa conta com mais de 12 mil funcionários e vejo essa história como um investimento de vanguarda na área de negócios, difícil de ser repetida”, acredita o empresário. Na verdade, ele tem todas as razões para ser um entusiasta e um apaixonado pelo trabalho que faz. Hoje, ele dá continuidade àquilo que seu pai, o empresário Salim Maroun - morto em 2017, aos 63 anos - acreditou, investiu, implantou e tocou durante duas décadas. “A companhia é um reflexo do que o meu pai construiu com perseverança”, define Jean-Paul. “Ele teve uma história de vida onde desistir não era uma opção. Foi sequestrado durante uma guerra, perdeu tudo duas vezes, teve de recomeçar a vida outras três, morou sozinho em diferentes países que não conhecia, perdeu um irmão de 12 anos... Salim era tão obstinado com a excelência em tudo que fazia e em nunca dizer a palavra ‘não’, que persistiu sempre. Ele olhava para frente, nunca para trás”, conta.

A Outback é uma empresa que nasceu na Flórida, em 1989, quando quatro executivos da indústria de alimentos - cansados da rotina estressante do mercado - decidiram se unir para criar um pequeno negócio que lhes rendesse uma boa aposentadoria

e tempo livre suficiente para se dedicarem ao seu esporte favorito, o golfe. A ideia inicial era abrir, no máximo, 10 restaurantes. Mas não foi o que aconteceu. O negócio prosperou e virou um fenômeno, com centenas de unidades abertas por todo os Estados Unidos.

A história da filial brasileira começou a se desenhar, quando os quatro sócios conheceram o americano Peter Rodenbeck e o libanês Salim Maroun, amigos que vinham de uma bem sucedida parceria profissional em outra empresa americana no Brasil - o McDonald's, uma gigante do mercado - e estavam nos Estados Unidos procurando conhecer novos conceitos no ramo de fast-food, quando se depararam com o Outback Steakhouse. Eles sabiam que era o tipo de empreendimento que daria certo por aqui, enquanto o quarteto americano simpatizou com a dupla. O contrato para a abertura do primeiro Outback brasileiro foi assinado em 1996. Durante seis meses, Salim e mais quatro pessoas receberam treinamento nos Estados Unidos e, em novembro do ano seguinte, foi aberta a unidade da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. O resto, como se diz, é história. Uma história de sucesso que prossegue até hoje.

Porém, para se compreender a extensão de tudo o que Salim Maroun realizou e o legado ético moral que deixou para sua família, é preciso recuar no tempo.

### O GAROTO QUE AMAVA LIVROS

Salim Maroun nasceu em 19 de abril de 1953, no Líbano, em Ain-Saade, bem próximo a Beirute, em uma família católica maronita. Cresceu seguindo os ensinamentos da igreja. Era filho de Déspina e Boulos Maroun: “Meu avô trabalhava como jornalista político e servia ao governo do Líbano, cuidando de



Maguy Maroun é a guardiã do lar e do legado deixados pelo marido, Salim Maroun



Salim Marou em palestra organizada por quatro células de empreendedorismo, no Rio de Janeiro

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Salim Maroun  
acompanha a filha Maria  
Helena, no dia de seu  
casamento com David  
Natera, em Roma

## Aluno brilhante, um ano antes de se formar Salim já dava aulas particulares para os colegas a fim de se sustentar. A família hoje ainda guarda cópias de seus trabalhos de faculdade

questões externas. O tio de meu pai, Joseph Maroun, trabalhou durante muitos anos como jornalista na Unesco em questões internacionais e, acredito, foi o modelo profissional para meu pai”, acredita Jean-Paul. Outra inspiração, segundo ele, certamente foi seu tio, monsenhor Youhanna Maroun, um grande sacerdote da igreja católica maronita, que uniu o povo libanês e foi vítima de um assassinato político logo que explodiu a Guerra Civil libanesa.

De acordo com Jean-Paul: “Meus avós, Déspina e Boulos, se conheceram muito jovens, se casaram e tiveram três filhos. Lola, meu pai Salim e Gina. Havia outro irmão mais jovem ainda, Sami, que faleceu aos 12 anos de idade em decorrência de asma”.

Uma família de classe média que valorizava as coisas certas da vida, com um histórico de muito trabalho e garra. Salim viveu no Líbano até os 16 anos de idade, quando terminou o ensino médio como o primeiro aluno da turma. Boulos, seu pai, achou por bem enviá-lo para a França, para terminar os estudos com padres jesuítas. Ele instruiu o filho, que nunca havia saído do Líbano: “Tenho dinheiro suficiente apenas para a passagem de ida, de Beirute a Paris e depois para Rennes. Não temos mais recursos para absolutamente nada. Então, você vai viver lá, comer e aprender de graça”. Salim estudou Filosofia e Psicologia.

Aluno brilhante, um ano antes de se formar Salim já dava aulas particulares para os colegas a fim de se sustentar. A família hoje ainda guarda cópias de seus trabalhos de faculdade. Parecem feitos em computador de tão milimetricamente elaborados e organizados, segundo seu filho Jean-Paul. Pouco tempo antes de se formar decidiu ir visitar a família no Líbano. Ao chegar, recebeu a notícia da morte do irmão Sami, ocorrida havia seis meses. Ele não tinha sido avisado pois os pais temiam que ele voltasse às pressas e depois não

teria condições financeiras de retornar à França.

Ele estava com 21 anos, quando a Guerra Civil começou e foi sequestrado pelo exército sírio, que usavam os documentos de suas vítimas que, na maioria das vezes eram também assassinadas. Salim passou duas semanas em um cativeiro subterrâneo, a pão e água. Depois foi colocado em uma Kombi e pensou que esse era o fim. Porém, começou a ser interrogado, queriam saber qual era seu trabalho e o que levava no bolso. Salim respondeu que tinha apenas o passaporte, que lhe foi tirado imediatamente e em seguida o vendaram. Foi posto para fora do carro: “Ande cem passos para frente e não olhe para trás”, ordenaram. Ele rezou enquanto caminhava os cem passos, até perceber que os sequestradores haviam ido embora. Andou várias horas até encontrar os pais desesperados.

Nesse momento percebeu que o Líbano já não era mais seu lugar. Tinha poucos recursos, mas havia tomado uma decisão. Conversou com um amigo que também queria partir e decidiram viver no Canadá, pois sabiam que lá seria mais fácil conseguir trabalho.

### CANADÁ, GUERRA E FAST-FOOD

Salim chegou ao Canadá apenas com dinheiro para a primeira semana de aluguel. Era preciso encontrar trabalho urgente. Saiu para procurar, olhou os classificados e o primeiro anúncio era para trabalhar no McDonald's. Ele nunca havia trabalhado em um restaurante, mas o salário era bom e o início imediato. Foi contratado como operador de caixa.

Salim Maroun se deu muito bem trabalhando na cadeia americana de fast-food. Incansável, ele cresceu muito rápido na empresa e treinou várias pessoas que levaram o conceito da marca para a China. O histórico de aprendizado em Filosofia e Psicologia ajudou-o para conhecer a natureza humana e a maneira como as pessoas pensam.

Depois de cinco anos no Canadá, Salim decidiu que era o momento de voltar ao seu país e começar o próprio negócio. O aprendizado no trabalho no restaurante lhe seria muito útil no Líbano. Retornou em 1979 e, junto com alguns empresários, investidores, abriu a primeira unidade de uma rede de fast-food similar ao McDonald's, Winner's. "Essa rede, rapidamente se tornou um ícone no país. Em 1980, quando procurava um arquiteto para desenhar os restaurantes, meu pai conheceu minha mãe, Maguy Gaspard, arquiteta indicada por um amigo. Foi o início da história de nossa família", relata o filho Jean-Paul.

Apesar das trajetórias diferentes, ele de família humilde, inteligente e trabalhador; ela de família tradicional - seu pai, Chemel Gaspard, era o sheikh de Tourza, no norte do Líbano - bem relacionada e com muitos pretendentes, os dois se apaixonaram e decidiram se casar no início dos anos 1980.

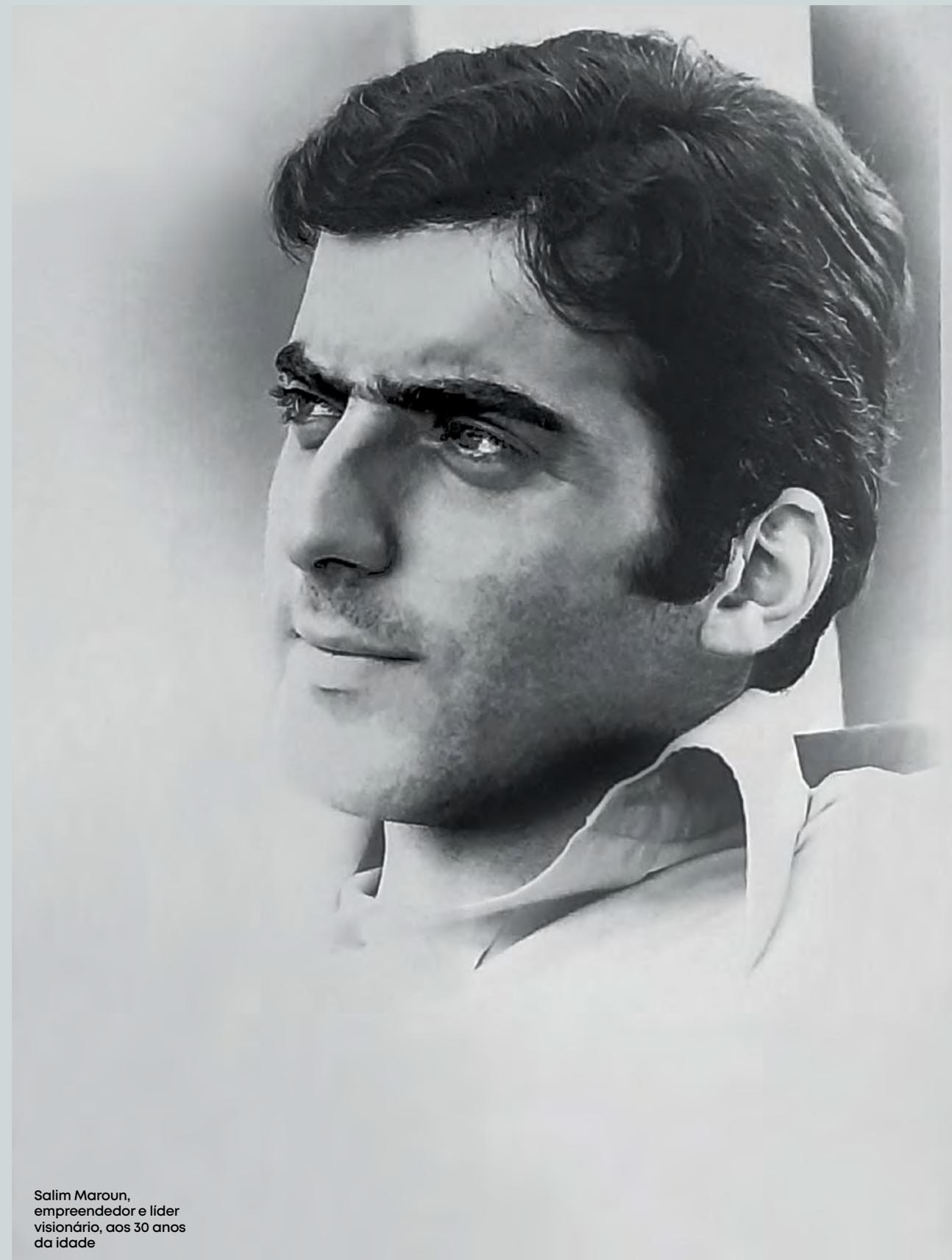
"A rede de fast-food, apesar da guerra, estava indo muito bem. Meu pai sempre me contava histórias

de como cruzava as ruas de caminhão, no meio das regiões de conflito, para entregar mercadorias, de um lado a outro da cidade, de um restaurante para outro. Essas foram situações adversas que ele teve de enfrentar para fazer o negócio prosperar. Era difícil conseguir a matéria prima e ele precisava ir a outros países para negociar a carne dos hambúrgueres. Foi preciso ser muito criativo, viajar bastante, mas o esforço deu frutos", conta Jean-Paul.

### RIO DE JANEIRO: A ROTA DO SUCESSO

Como inúmeros cidadãos libaneses, Salim Maroun se viu obrigado a sair de sua terra natal durante a Guerra Civil, nos anos 1980. Apesar da situação caótica vivida pelo país, a rede de fast-food que ele comandava, ia bem, porém os sócios - que tocavam outros negócios que não iam tão bem - começaram a forçar a saída de Salim da sociedade. Seu filho Jean-Paul, nascido em 1984, conta como a família se instalou no Brasil.

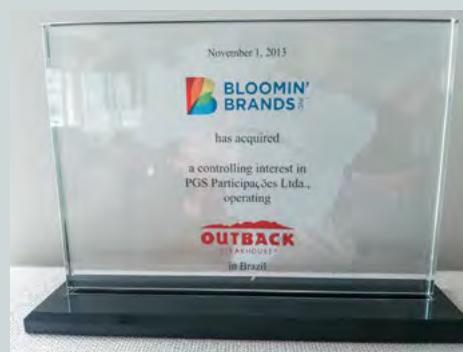
"Em 1988, quando a situação da guerra civil no Líbano levou o país a uma situação gravíssima, os sócios de meu pai passaram a se interessar pela empresa, que ia bem, e trataram de afastá-lo do negócio. Ele sofreu um golpe baixo: Apontaram uma arma na sua cabeça, entregaram um documento já pronto e exigiram que ele assinasse, abrindo mão de todos os bens. Não só ele foi



Salim Maroun, empreendedor e líder visionário, aos 30 anos da idade



Os principais prêmios e diplomas recebidos pelo empresário Salim Maroun em reconhecimento à sua vitoriosa trajetória



“Somos extremamente católicos e acho que podemos contar nossa história não sobre o lado material, mas sobre o lado humano. Nunca meu pai faria algo que não fosse na linha exata...”

ameaçado de morte como toda a nossa família. Ele assinou e, no espaço de uma tarde, perdeu tudo. Ele voltou para casa sabendo que o Líbano já não era mais o lugar para ficar. De novo”, diz Jean-Paul.

Salim pensou em voltar ao Canadá ou ir para os Estados Unidos, que vivia tempos de economia em alta. Mas, por insistência da esposa Maguy, que tinha uma irmã Tereza morando no Rio de Janeiro, ele decidiu ver o que poderia fazer no Brasil. Assim, em novembro de 1988, Salim partiu sozinho rumo a outro país desconhecido. No Rio de Janeiro foi recebido pela cunhada Tereza, a quem não conhecia, o marido dela, Ramez, e as filhas do casal, Eliana e Gisele. No mesmo dia, pediu que a sobrinha Eliana o levasse para um passeio pela cidade, para observar o comércio de restaurantes.

Estava hospedado com os cunhados, em Ipanema, e quando passaram pela rua Ataulfo de Paiva, em frente a uma loja McDonald's, Salim quis parar e ver o estabelecimento de perto. Perguntou pelo responsável e, por sorte, conheceu o franqueado, um português que falava francês - já que Salim não falava uma palavra sequer em português. “Meu pai deve ter contado um pouco da vida dele ao português, deve ter dito que teve uma rede de fast-food e estava interessado em conhecer o procedimento para abrir uma franquia no Brasil”, acredita Jean-Paul. O português lhe explicou que o responsável pela rede se chamava Peter Rodenbeck, um americano com escritório no bairro da Lapa. Salim, assim que pode, foi falar com Peter, mas a secretária informou era necessária alguma indicação para o encontro. Sem titubear, Salim disse que se ela deixasse passar essa oportunidade, poderia estar cometendo o maior erro da vida do chefe. “A senhora não sabe como ele vai reagir quando me conhecer. Isso é um trem que está passando e ele precisa subir nesse trem. Peça para me ligar o mais rápido possível”, foi taxativo. Naquele

mesmo dia o telefone tocou e uma reunião entre os dois foi marcada. Depois de duas horas de conversa, Salim saiu Peter com um contrato assinado para abrir sua primeira unidade da franquia americana. Na sequência, ele arriscou abrir outra, no bairro de Jacarepaguá, que todos procuravam evitar porque para chegar lá era necessário cruzar a comunidade de Cidade de Deus. Salim nada temia, pois havia chegado de uma guerra.

Com a ajuda dos cunhados, ele conseguiu o necessário para trazer a família - Maguy e os filhos Maria Helena e Jean Paul - para o Brasil. O casal, agora com filhos, iria viver em uma terra distante, sem falar direito o idioma e com a responsabilidade de dirigir 50 funcionários. A vida recomeçava.

A direção da empresa logo percebeu que Salim era um operador muito acima da média e começou a lhe passar restaurantes no centro do Rio de Janeiro. A rede tinha cinco lojas na região, e quatro eram dele. Uma das lojas, após a entrada de Salim, se tornou um fenômeno comercial do Brasil. Peter Rodenbeck sabia que Salim era o melhor operador de restaurante que podia ter ao seu lado: extremamente visionário, estratégico, excelente em finanças. Mas em 1995, Peter decidiu se desligar da empresa, pois queria estudar em Harvard e vendeu sua parte para a matriz americana.

Nesse ínterim, as regras para os franqueados da rede começaram a mudar, inclusive com aumento de aluguel franqueados, o que não agradou a Salim. Ele chegou a ser procurado pela direção da empresa nos Estados Unidos, para um projeto de implantação do Oriente Médio. Porém o negócio não era vantajoso para o libanês e, durante uma conversa com Peter, ele decidiu encontrá-lo nos Estados Unidos para juntos decidirem o que poderia ser feito. “Meu pai vendeu sua participação nas franquias”, conta Jean-Paul. Era o início da bem-sucedida empreitada com o Outback.



Salim e Maguy Maroun acompanham seu filho Jean-Paul, no dia de seu casamento com Olivia Beatryz Murad, em São José do Rio Preto

## UM LEGADO ÉTICO

Maguy e Salim Maroun tiveram dois filhos: Jean Paul e Maria Helena, que cresceram no Rio de Janeiro. O filho é casado com Ana Luiza Murad e têm uma filha, Olivia Beatryz Murad Maroun. Maria Helena casou-se com David Natera e são pais de Nour e Davi Salim Natera Maroun.

Hoje, dois anos depois da morte do pai, Jean-Paul Maroun reflete sobre os aspectos que fizeram dele um homem bem-sucedido na vida pessoal e profissional. “Antes de tudo, ele era muito cuidadoso com as pessoas”, recorda. “Perseverar e acreditar nas pessoas são os dois pilares fundamentais da companhia e de como os dois amigos construíram o negócio”, avalia. “Quando Salim faleceu, deixou um legado moral, ético, de exemplo, não é só para nós da família, mas para milhares de funcionários que passaram pela empresa, inclusive os fornecedores. É isso que vai permanecer”, acredita.

Ele também fala da dimensão da espiritualidade deixada pelo pai: “Somos extremamente católicos e acho que podemos contar nossa história não sobre o lado material, mas sobre o lado humano. Nunca meu pai faria algo que não fosse na linha exata, milimétrica da ética. Para ele, ética e excelência eram inegociáveis”, declara. ■



Salim Maroun com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso



A família Maroun reunida: Salim, Jean-Paul, Maguy e Maria Helena

# A UNIVERSALIDADE DO CEDRO

Francisco Rezek  
à sombra dos  
cedros, 2013

Escrito pelo renomado jurista, o texto a seguir fala do espírito desbravador, empreendedor e da resiliência do povo libanês. O ex-procurador da República e ex-ministro das Relações Exteriores e do Supremo Tribunal Federal, ressalta a presença e a importância da imigração libanesa - da qual é descendente - não só no território brasileiro, mas também na história do País

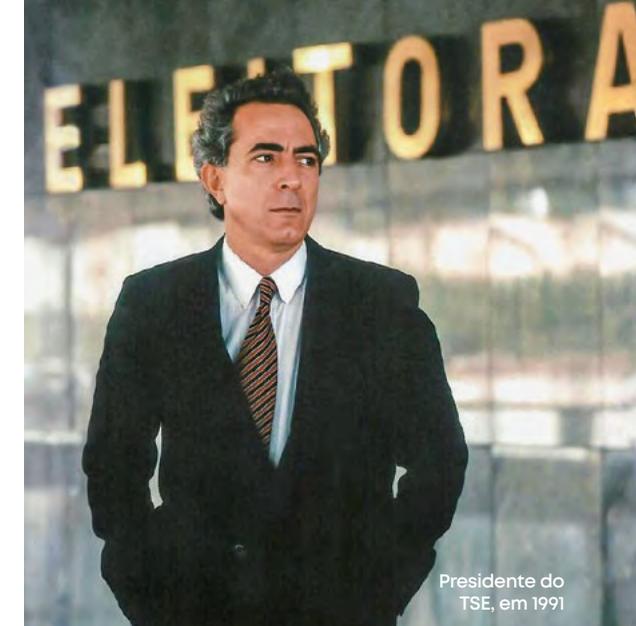
POR FRANCISCO REZEK

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

“Meu pai integrou a geração daqueles libaneses que durante a Primeira Grande Guerra foram levados à frente de combate pelo exército otomano”



Com Yang Shangkun, presidente da China, em Pequim, 1991



Presidente do TSE, em 1991

**T**odos sabemos que a imigração libanesa no Brasil começa logo após a célebre visita que nosso imperador Pedro II fez àquela parte do mundo. Uma visita em si mesma extravagante e surpreendente. O regente de um vasto Império nos trópicos, nesse lado ocidental do planeta, dirige-se a um território colonial, a uma área então sob o jugo do Império Otomano — que, como recordam, não era um primor de cordialidade no trato de suas colônias.

Meu pai integrou a geração daqueles libaneses que durante a Primeira Grande Guerra foram levados à frente de combate pelo exército otomano, para que lá morressem poupando as tropas do próprio sultão. Mas sobreviveu, e outros tantos sobreviveram.

Começa então a imigração libanesa depois dessa visita e do convite que Pedro II fez a que viessem, a que comesçassem a tomar este rumo. Entre os primeiros imigrantes, meu tio-avô pelo lado materno, que aqui buscou um lugar original, diferente, instalando-se em São Tomé das Letras, no topo daquela montanha mística do sul de Minas Gerais. Depois vieram outros, alguns antes mesmo da primeira grande guerra, por volta de 1912; outros ainda, como o meu pai, que já no desfecho da guerra se instalaram por aqui. Minha mãe viera com quatro anos de idade, cresceu em São Paulo, teve uma educação paulistana, mas no Colégio Oriental — que ficava na Rua Maria Figueiredo, uma afluyente da Avenida Paulista, e que proporcionava às crianças uma educação trilingue, em dois alfabetos. Aos sete,



Rezek em conferência



Recebendo o papa João Paulo II, em Brasília, 1991



O Chanceler na Assembleia Geral das Nações Unidas, com os ministros Coimbra, Sardemberg, Goldemberg e Lutzemberger, em novembro de 1990



Posse no STF, em 1983, com o governador de Minas Gerais, Tancredo Neves



Na Corte Internacional de Justiça das Nações Unidas, em Haia, 2005



No Itamaraty, com a princesa de Gales, 1991

# “Membros da colônia libanesa do Brasil estiveram entre os primeiros graduados em cursos superiores”

oito anos de idade, aquelas meninas e meninos dominavam o alfabeto árabe e o ocidental e se exprimiam em árabe, em português e em francês.

Todos os integrantes das primeiras levas migratórias se estabeleceram no comércio e pouco mais tarde na indústria. É nessa época que se inauguram grandes dinastias, como aquela das indústrias têxteis de Ragheb Chohfi, o ancestral de nosso embaixador Osmar Chohfi. É também nessa época que se consolida a colônia naqueles dois domínios para frutificar em seguida numa série de outros domínios, de outras carreiras.

Membros da colônia libanesa do Brasil estiveram entre os primeiros graduados em cursos superiores; sobretudo a graduação de mulheres de origem libanesa foi precoce na região de São Paulo e em certas outras. E nunca é demais destacar um dos aspectos mais peculiares e mais brilhantes da diáspora libanesa como ela se deu no Brasil: a atomização, a diversidade, a integralidade geográfica. Sabemos que no Brasil existem colônias de imigrantes que se concentraram, por exemplo, nas capitais, nos grandes núcleos urbanos. Outras convergiram no Sul do país, nas áreas frias, nas de clima temperado; outras no litoral; outras, ainda, por uma circunstância histórica, em ponto determinado – como os holandeses que gravitam em torno de Olinda, naquilo que foi o reino de Maurício de Nassau. Mas os libaneses estão em toda parte. Em toda parte e desde o começo, desde uma época em que não se encontravam, aqui ou ali, sequer representantes de todas as três



A mãe aos 15 anos, aluna do Colégio Oriental, em São Paulo



Elias Rezek aos 40 anos, 1937



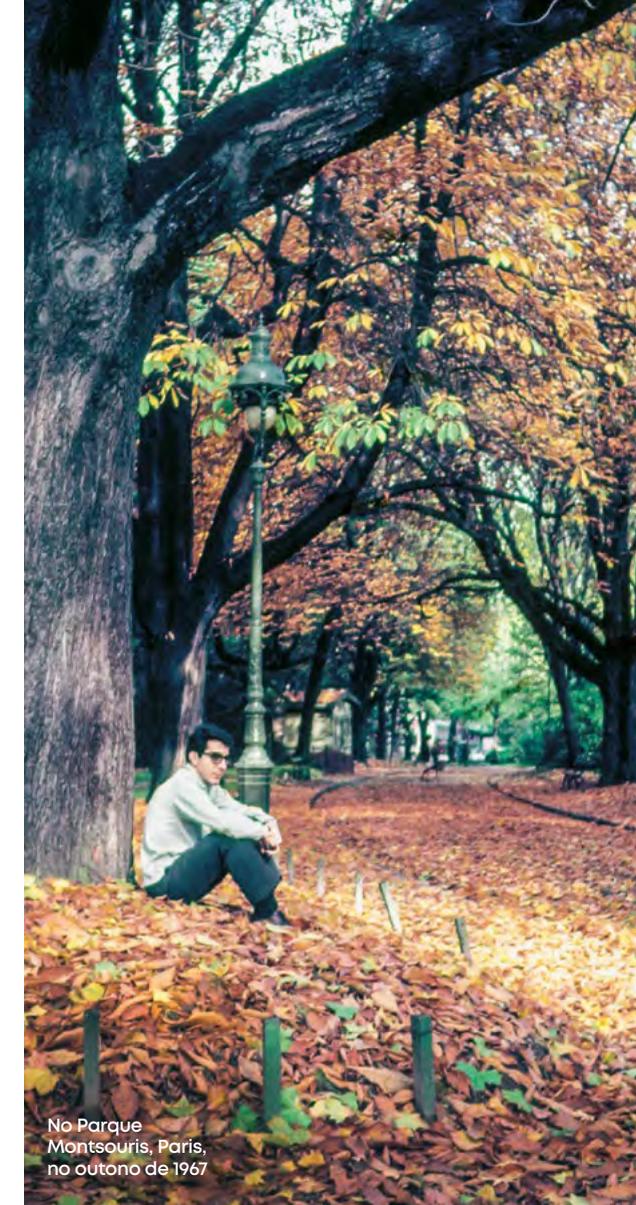
Visitando familiares em Ras Baalbek, Líbano, em novembro de 1968



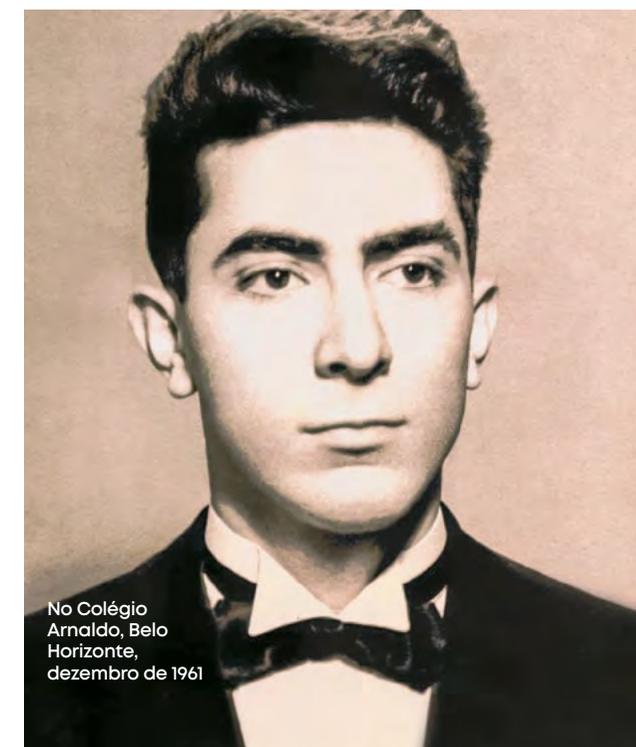
Ponta esquerda do Corinthians no Liceu Salesiano de Campinas, 1955



Aos 7 anos, com os pais, irmãos e sobrinhos, 1951



No Parque Montsouris, Paris, no outono de 1967



No Colégio Arnaldo, Belo Horizonte, dezembro de 1961

# “A tragédia do Oriente Médio nos últimos setenta anos vitimou sobretudo o mais inocente de todos aqueles países, o Líbano eterno”

grandes etnias que compuseram originalmente a nacionalidade. Numa época que em pontos remotos do país não se conseguiam encontrar portugueses ao lado de indígenas e africanos, ou indígenas ao lado de africanos e portugueses, nessa época já se encontravam libaneses esparsos por todo território nacional, das cumeeiras do planalto catarinense até o calor da floresta amazônica. O elemento libanês não faltava em parte alguma do país e nunca deixou de dar mostras de sua vitalidade. O chefe de estado brasileiro foi um membro da colônia. [referência ao ex-presidente Michel Temer]

Sim, fui o único chanceler da República da nossa origem, mas não o único ministro do Supremo, sequer o primeiro. Houve diversos antes de mim, na corte suprema do Brasil e em todos os outros tribunais da República. Em todos os setores, mas sobretudo na medicina contemporânea do Brasil, o elemento libanês se destaca com brilho por sua inventividade, por seu empreendedorismo, por seu talento.

Como outras comunidades libanesas, nos demais países do Ocidente, somos atormentados há décadas por aquilo que se passa na pátria mãe, por sabermos e acompanharmos tudo quanto se abateu de triste sobre o Líbano; e isso por nenhuma culpa endógena, por nenhuma culpa dos próprios libaneses, mas de seu entorno e de suas circunstâncias. Por vizinhos mais amistosos, porém dependentes de socorro constante. E por vizinhos menos amistosos... A tragédia do Oriente Médio

nos últimos setenta anos vitimou sobretudo o mais inocente de todos aqueles países, o Líbano eterno.

Entretanto, coisa espantosa, a nação sobrevive. Apesar de tudo ela ostenta seu vigor milenar, sua esperança no futuro, sua crença na própria capacidade e no suporte com que ela conta por parte de toda a diáspora.

Somos neste país coesos e orgulhosos do sangue libanês que corre em nossas veias. É uma extraordinária aventura, para todos nós, presenciar esse renascimento. A energia da diáspora não é maior que a energia que a própria matriz geográfica libanesa ostenta e nos prova a todo momento.

Se o Líbano devesse ter, como têm tantos países e instituições ocidentais, uma divisa latina, essa seria provavelmente a mesma que tem a cidade de Paris — cuja insígnia é um barco em meio às ondas de um mar revolto. Um barco parecido com as naus fenícias. A divisa latina diz *Fluctuat nec mergitur* — o que significa que ele, o barco, é sacudido pela tempestade, mas não submerge, não vai ao fundo. Isso é, mais que tudo, o Líbano do nosso tempo — como o barco de Amir Klink. A tempestade pode alcançá-lo, mas ele não naufraga. Não naufragaremos nunca. ■

*\*Francisco Rezek, 75 anos, nasceu em Minas Gerais. É jurista e magistrado. Atuou como Procurador de República nos anos 1970, como Ministro do Supremo Tribunal Federal, durante o governo João Figueiredo, e Ministro das Relações Exteriores, no governo Fernando Collor de Mello.*



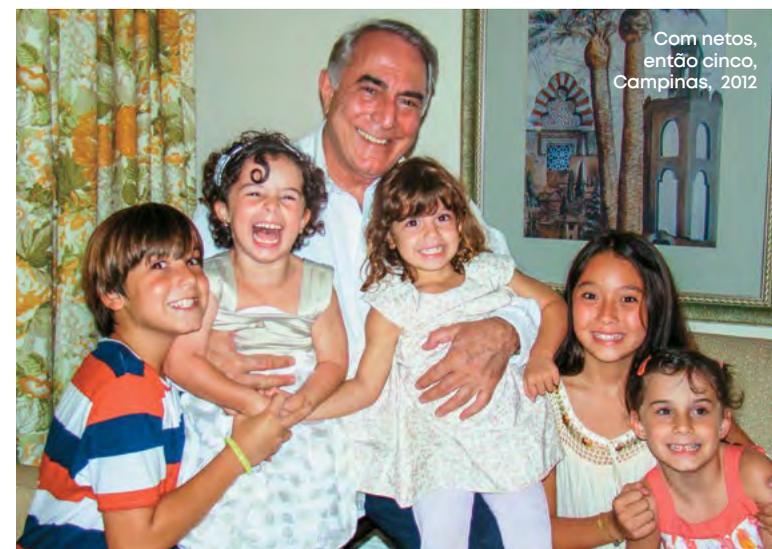
Em Veneza, Ilha de Murano, 2015



Baget Baracat Rezek, aos 77 anos, 1985



A família reunida no litoral de Pernambuco (Ocaporã), no verão de 2019



Com netos, então cinco, Campinas, 2012



Com a mulher, Ione Moreira, Campinas, 2012

# AMYR KLINK

---

## O NAVEGADOR LIBANÊS

Ele nasceu no Brasil, porém seu gosto pela aventura, por explorar o desconhecido e a capacidade de compartilhar essas experiências é a herança que recebeu de seu pai e de seus antepassados do Líbano



Comandante de embarcações, Amyr Klink é natural de São Paulo, filho de pai libanês, Jamil Klink, e mãe sueca, Asa Friberg

Considerado o maior navegador brasileiro de todos os tempos e um dos mais inspiradores empreendedores da contemporaneidade, Amyr Klink herdou do pai, o libanês Jamil Klink, o DNA do explorador. Amyr cresceu ouvindo as histórias de Jamil, que viajou por vários países, e se viu fascinado quando, em 1970, o pai seguiu com sua mãe para o continente Antártico.

“Ninguém sabia direito onde ficava a Antártica. Ele plantou na gente essa semente de não só ver e se informar sobre o mundo, mas de ir ver. Hoje, entendo bem o que meu pai dizia. Um homem precisa viajar por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou tv. Precisa viajar por si, com seus olhos”. Nascido em São Paulo, Amyr passou boa parte da infância na litorânea Parati (RJ), remando diariamente do sítio da família até a cidade, estímulo extra para que despertasse seu interesse pela navegação. Sua primeira canoa, a Max, que está em exposição no Museu do Mar, em São Francisco do Sul (SC), foi comprada quando ele tinha apenas 10 anos de idade.

Durante a faculdade de Economia, na USP (Universidade de São Paulo), o remo foi o esporte que o conquistou e ao qual se dedicou por seis anos. Nesse período soube da viagem de dois jornalistas, que pretendiam cruzar o Atlântico num barco a remo, mas acabaram se deparando com o furacão Alba e não sobreviveram. Quando recebeu a informação que o pequeno barco chegou à Escócia e, mesmo sem os navegantes, o destino fora alcançado, Amyr começou a estudar correntes marítimas e ventos. Em 1984, após anos de planejamento intenso, se lançou em sua própria empreitada, saindo da Namíbia, na África, em um pequeno barco a remo feito por ele próprio, de 5 metros por 90 centímetros. A expedição do I.A.T., com percurso de 7 mil quilômetros, foi concluída depois de 100 dias e 6 horas, em 18 de setembro, quando ancorou na praia da Espera, Bahia, para

alívio da família. A jornada é retratada no best seller “Cem Dias Entre o Céu e o Mar”.

“Quem estava me esperando, minha tia Salua, num Saveiro, com uns 30 primos que eu nem conhecia. Eles estavam sofrendo muito, havia umas dez horas, me procurando no mar. Toda a família vomitando dentro do barco e eu muito feliz, porque tinha realizado o sonho que durante quatro anos todo mundo dizia que era impossível”.

A segunda grande empreitada, em 1990, foi justamente a viagem ao continente Antártico, um enorme desafio diante da grande incidência de acidentes e desaparecimentos de barcos naquela região, onde acabavam presos nas geleiras. O navegador encarou o problema e construiu o veleiro Parati, programando-se já para ficar engessado pelo inverno, estada que durou de março a dezembro e foi uma grande oportunidade para elevar o seu nível de consciência. Amyr chegava a dormir 50 minutos por dia e precisava apanhar muitos quilos de neve para produzir água. “Essa experiência, e a consciência de que a gente tem de ser o provedor de tudo, é muito valiosa”. Dois anos depois, retornou ao Brasil e se casou com Marina Bandeira, velejadora com mais de uma centena de competições no currículo, com quem teve três filhas, as gêmeas Tamara e Laura, de 19 anos, e Marina, a Marininha, de 16 anos.

### DNA LIBANÊS

Depois do casamento, foram 33 viagens para o continente Antártico, das quais 12 na companhia da esposa e sete com as três filhas. “Comecei a compreender um pouquinho o espírito dos meus antepassados, da família do meu pai, Jamil, no Líbano, que era o espírito de compartilhar experiências. Eu nunca havia compartilhado. Viajei durante quase 20 anos sozinho. Viajei por todos os oceanos da Terra sozinho. Quando me casei com a Marina compreendi a importância de dividir com ela o que eu gostava de fazer. Passei a compreender também o espírito de hospitalidade libanês, tão forte na nossa família. Visitei o Líbano durante os



Os pais de Amyr Klink, Jamil e Asa Friberg, no primeiro passeio, em Campos do Jordão



O avô de Amyr, Salim Klink, com os filhos nas ruínas de Baalbek, no vale de Bekaa, Líbano



A mãe de Amyr, Asa Friberg Klink



Uma cópia da carteira de Jamil Klink, pai de Amyr, concedida pelas autoridades turcas, no Líbano, 1911

períodos de conflito e, mesmo durante os piores momentos, tudo o que havia, mesmo que fosse pouco, era compartilhado com generosidade, e com certa fartura. Havia a fartura mesmo na escassez de recursos”.

Amyr é definitivamente peculiar. Meticuloso e de olhar ampliado sobre o mundo. Suas vivências na imensidão do mar o levaram a refletir sobre questões essenciais, como resiliência, a valorização do tempo e do planejamento para obter sucesso nas empreitadas. Não é homem de ficar ancorado, é um grande observador e tem no planejamento forte aliado para minimizar as chances de erro. Uma visão que faz dele um empreendedor nato, descobrindo novos nichos com um foco claro: perceber as necessidades e criar soluções. O perfil inspirador faz do filho de libanês um dos palestrantes mais requisitados do País, são mais de 2.500 palestras realizadas em três décadas, além de sete livros.

“Hoje, minha principal atividade é desenhar barcos, soluções e viabilizar as viagens. Isso exige um comprometimento full time, até o osso, inclusive o familiar. No fundo, a gente não constrói viagens. A partir de um sonho a gente constrói histórias. E fazer isso é muito legal”.

Depois da aventura com o Parati, seu empreendimento seguinte foi o Parati 2, que se transformou no primeiro barco no mundo com autonomia para mais de três anos. Podia viajar continuamente nesses lugares durante pelo menos seis ou sete anos. Hoje com 12 anos, fez 14 temporadas no continente Antártico e ainda é a embarcação com maior autonomia no mundo.

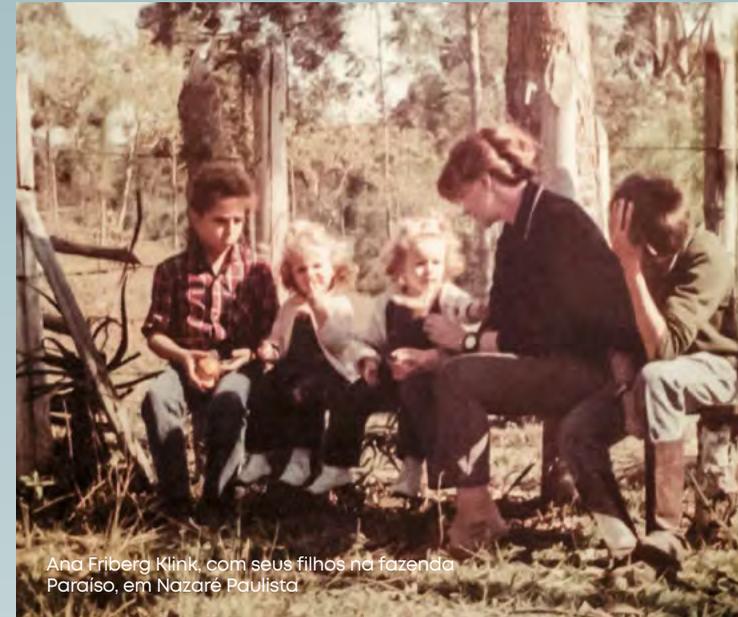
Da ideia de atender a terceiros, nasceu o estaleiro da qual saíram dezenas de embarcações para clientes no mundo inteiro, rasgando e riscando todos os oceanos e cantinhos da Terra. Da mesma forma, a partir da própria necessidade construiu o cais em Paraty, mas começou a compartilhar a estrutura, chegando hoje a 300 embarcações aportadas. São dois píeres flutuantes, serviços e infraestrutura completa para proporcionar máximo

conforto e segurança ao navegador.

“Esse espírito que eu herdei do meu pai de compartilhar e receber, acabou se traduzindo nos projetos que a gente faz. Temos muito prazer hoje de ir para Antártica com o nosso barco e receber a visita de centenas e centenas de pessoas, do mundo todo, em uma temporada”. Com um quadro de 700 colaboradores bem remunerados e estimulados, os tripulantes são sempre recebidos com atenção e carinho. “Mais do que guardar os seus barcos, a gente aprendeu a acolher. E mais do que simplesmente resolver os problemas deles, a gente aprendeu a compartilhar soluções. Nós ajudamos a resolver, construir, consertar. Eles sempre têm muitos problemas. Nesses anos todos, com todas essas experiências, eu gosto profundamente do que faço. Transformamos centenas e centenas de profissionais que se tornaram expoentes no setor”.

Por ocasião da Diáspora Libanesa, Amyr esteve no Líbano recentemente e levou junto a esposa, Marina, que se encantou e assimilou a cultura e os valores ancestrais do marido. Durante a viagem, Amyr visitou a casa do tio Ghassan Klink, em Bekfaya, Monte Líbano; conheceu os extremos do país, reviu lugares que gostava; descobriu sua veia libanesa, herdada do pai e iniciou uma reflexão intensa sobre o que conseguiu edificar ao longo da vida, chegando a uma epifania. Amyr, que construiu os primeiros flutuantes pesados para fazer marinas e alavancou a economia de toda uma cidade, avançando com a atividade que tem potencial transformador para a economia do País como um todo, chegou à uma conclusão:

“De repente percebi que a minha maior conquista não foi nenhuma das obras que eu fiz, não foi nenhum dos barcos e nenhuma das viagens em lugares malucos ou impressionantes. Percebi que a minha maior conquista foi simplesmente a oportunidade de poder colocar em prática esse espírito de acolher e compartilhar. De repente, percebi que a minha maior obra eu não construí, eu não conquistei, eu simplesmente herdei do povo libanês”. ■



Ana Friberg Klink, com seus filhos na fazenda Paraiso, em Nazaré Paulista



O pequeno Amyr com sua mãe



O navegador Amyr Klink com sua mulher, Marina, e as filhas gêmeas Tamara e Laura, mais Marina, em Parati



“Hoje entendo bem meu pai... Um homem precisa viajar por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés para entender o que é seu, para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar do calor e o oposto. Sentir a distância” Amyr Klink

## BIBLIOGRAFIA

Os livros escritos por Amyr Klink são utilizados como referência em escolas públicas e particulares de todo o Brasil, havendo aproximadamente 100 citações em livros didáticos nas matérias de português, geografia, história, matemática, ciência. São eles:

- “Cem Dias Entre Céu e Mar”, relato da primeira e única travessia em solitário, do Atlântico Sul, em barco a remo, realizada em 1984;
- “Paratii Entre Dois Polos” (1992), relato da viagem de 642 dias entre Antártica e o Ártico a bordo do veleiro Paratii.
- “As Janelas do Paratii” (1993), pelas janelas de um barco faz-se o mundo passar.
- “Mar Sem Fim” (2000), 360° ao redor da Antártica.
- “Linha D’água” (2006), entre estaleiros e homens do mar.
- “Não há Tempo a Perder” (2017), Amyr Klink em depoimento a Isa Pessoa.

Amyr inspirou também a autoria de livros correlatos e outros títulos nas áreas de empreendedorismo e autoajuda entre outros, DVDs e jogos: “Férias na Antártica”, “Antártica: a última fronteira”, “Antártica: olhar nômade”, “Gestão de Sonhos”, “Construindo o Futuro”, “Dias na Antártica”, Edição Especial da “National Geographic Brasil”, DVD “O Continente Gelado”, DVD “Mar sem Fim”, jogo “Viajando pelo Mundo”.

# ERA UMA VEZ NO RIO

Em relato pungente, o professor Roberto Habib, diretor da Escola Libanesa do Rio de Janeiro, narra a história de sua família e a sua própria trajetória pessoal e profissional até chegar ao trabalho dos seus sonhos



O dia em que Roberto Habib recebeu a Medalha de Mérito Pedro Ernesto, conferida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro: Renata Habib, André Abi Rihan Habib, Elisabeth Abi Rihan Habib, o homenageado, Adriana Habib Rosa e Sidney Rosa da Silva Junior

FOTO: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Falar da família Habib, à qual, com muita honra, pertence, é discorrer sobre um grupo social de que fazem parte intelectuais, como Nicolau Habib, meu tio, professor de árabe e francês de toda uma geração, cujos alunos galgaram posições elevadas no Brasil, como o antecessor na Arquidiocese Ortodoxo-Antioquena do Brasil, arcebispo Damaskinos Mansour. E também diplomatas, como os embaixadores Farid Habib - o último a exercer mandato na Embaixada do Líbano, ainda no Rio de Janeiro como Capital Federal - e seu filho William Habib. Além de industriais de escol, como Tuffy Nicolau Habib, verdadeiro mecenas da comunidade árabe do Rio, responsável pelos recursos que viabilizaram a construção da sede, da rua Marquês de Olinda, do Clube Sírio e Libanês, pela instalação da porta central da Igreja Nossa Senhora do Líbano da comunidade maronita, pela doação da casa onde se instalou o Lar Nossa Senhora da Glória, na Ladeira da Glória, pelo asilo mantido pela Associação Ortodoxa de Senhoras, e pela a construção da quadra central de tênis do Clube Monte Líbano, entre outras ações. Há comerciantes, como Gabriel Habib, proprietário de uma das mais conhecidas lojas da Saara, a Gabriel Habib e Filhos, referência na comercialização de brinquedos em nossa cidade. Aliás, foi Gabriel Habib o responsável pela transformação daquele importante polo comercial, de centro atacadista em conglomerado de empresas varejistas, uma verdadeira revolução que aproximou o comércio de seus clientes, massificando o processo.

Situada a família no contexto de nossa etnia, vamos localizar o ramo em que estamos inseridos. Meus avós paternos vieram para o Brasil instalando-se em Guajaramirim, cidade na fronteira entre Brasil e Bolívia, porém uma febre tropical tirou da vida meu

avô Nagle, deixando viúva minha avó Rida, grávida de seu terceiro filho, que se chamaria Anísio, a se juntar aos dois vindos do Líbano, meu pai, André Habib, e meu tio, Nicolau.

A morte de meu avô e as dificuldades de minha avó fizeram com que o patriarca ortodoxo-antioqueno Gregorios Haddad, hoje em processo de canonização, fizesse retornar a o Oriente os filhos, meu pai e meu tio, para, sob a responsabilidade patriarcal, realizarem seus estudos, até que minha avó pediu que um dos filhos retornasse ao Brasil.

Coube a André Habib, meu pai, atender ao apelo da mãe e assumir a condição de arrimo de uma família agora aumentada pelos meio irmãos, vindos do segundo matrimônio de minha avó Rida: Lula, Bahige, Sucena e Julieta (quatro meninas), além de Michel, Assad e Elias, que se somaram a Anísio, já nascido no Brasil, filho de minha avó com meu falecido avô Nagle.

Chegando ao Brasil, meu pai, André Habib, transferiu a família de Guajaramirim para o Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão. Ao mesmo tempo, ele trabalhava em um pequeno comércio próprio, que não prosperou, fazendo-o mudar para o emprego em uma indústria que iniciou sua trajetória profissional e onde permaneceu até sua morte, em 1971.

Ele cuidou de sua mãe, Rida, até a morte dela na década de 40 do século passado. A partir dessa sofrida perda e já com trinta e sete anos de idade, meu pai casou-se com minha mãe Alice e tiveram dois filhos, eu e meu irmão Ricardo, dois anos mais velho. Infelizmente a união foi interrompida em 1949, quando minha mãe morreu devido a uma insuficiência pulmonar. Viúvo, com dois filhos - meu irmão com quatro anos e eu com dois - meu pai casou-se em segundas núpcias com a

“Foi Gabriel Habib o responsável pela transformação daquele importante polo comercial, de centro atacadista em conglomerado de empresas varejistas”

## “Comecei na União da Juventude Ortodoxa, que presidi na década de 1960, visando à instalação de um colégio bilíngue árabe-português, o que se concretizou em 2017”

minha madrastra Olinda, da família Saad, que possuía coração tão bom, mas foi traída por ele e faleceu em 1961, dez anos depois do casamento.

André Habib dedicou-se então inteiramente à família, ao trabalho e à Igreja Ortodoxa de São Nicolau, onde participava totalmente dos ofícios religiosos, conectando-o à comunidade árabe. Morreu em 1971, depois de passar dez anos sem uma presença feminina em seu lar, o que para ele era fundamental. Sua morte gerou forte abalo na família, em seus conterrâneos, que o admiravam e até hoje lembram-se dele com saudade e carinho. Além dos companheiros de trabalho da fábrica Myrta S/A, dos famosos sabonetes Eucalol, onde despertou tanto respeito e admiração que fez a direção inaugurar uma foto de meu pai em suas dependências, que lá permaneceu enquanto a fábrica existiu. Meu tio Nicolau, que retornou ao Oriente, permaneceu no Líbano até sua morte, poucos anos depois do falecimento do irmão.

Do casamento de meu pai com minha mãe Alice, oriunda da família Fadel, ficamos nós, eu e meu irmão Ricardo. Ele se casou, teve quatro filhos, atuou na indústria e comércio e atualmente está com setenta e três anos. Considero-me herdeiro de meu saudoso e querido pai em minha atividade étnica, pois foi através de sua atuação religiosa que dei início à minha trajetória sócio administrativa no seio da comunidade árabe. Comecei na União da Juventude Ortodoxa, que presidi na década de 1960, visando à instalação de um colégio bilíngue árabe-português, o que se concretizou em 2017, sob forte influência do cônsul libanês de então, Ziad Itani, em um projeto que necessita do apoio de toda a nossa comunidade.

Para minha honra, fui convidado pelo citado diplomata para uma das direções deste colégio, que era meu objetivo de toda uma vida. Vale dizer que ao ser

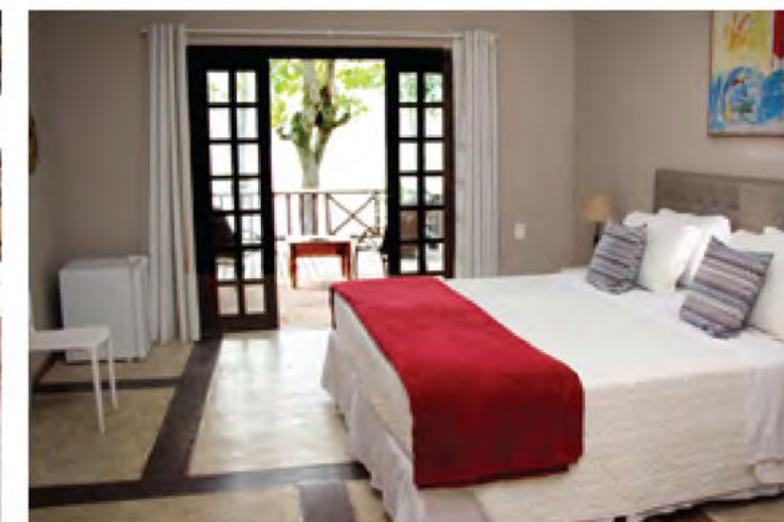
convidado, declarei que não receberia pelo trabalho, mas enganam-se os que consideram que nada ganho, pois mais do que dinheiro, recebo a oportunidade, que a maioria das pessoas não tem, de realizar meus sonhos. Agradeço a Deus por esta prodigalidade.

Para encerrar, digo que quando viajei ao Líbano com meu pai, única ocasião em que visitei aquela terra, contribuímos materialmente com um clube da família Habib, para abrigar os componentes deste grupo social e seus interesses, demonstrando que esta família que me dá o nome extrapola os seus limites normais para ser uma referência no contexto social libanês espalhado pelo mundo.

Casei-me com Elizabeth, oriunda da família Abi Rihan, cujo chefe Adib, meu sogro, foi um dos maiores nomes da comunidade árabe do Rio de Janeiro. Elizabeth e eu oferecemos à família Habib a sua continuidade, através dos nossos queridos filhos André e Adriana, que se casaram, aumentando o número de seus componentes, mas isto já é uma outra história...

P.S. Dedico estes comentários à alma do ilustre companheiro de lides comunitárias, ex-presidente do Clube Monte Líbano e componente de seu Conselho Consultivo, Ramez Saade, que tanto fez pela agremiação e amava a coletividade em que o seu clube estava inserido. Ramez Saade estava, e está tão integrado aos interesses da comunidade que, na última vez em que o vi, ele fez questão de colaborar com a Escola Libanesa, comprando rifas para ajudar a instituição de ensino. Não pude comparecer às suas últimas homenagens, mas o faço através destas linhas insuficientes para atestar o seu valor. Descanse em paz, companheiro! ■

*Roberto Habib, professor e diretor da Escola Libanesa no Rio de Janeiro*



[reservas@pousadaananas.com.br](mailto:reservas@pousadaananas.com.br)

Av. Brasil, 2923

Portinho - Ilhabela - SP

(12) 3894 - 2128

POUSADA  
**ANANAS**



# ESPÍRITO DE CONQUISTA

**Empresário libanês que adotou o Brasil e a cidade de Goiânia, Salman Btaddini foi exemplo de trabalho e honestidade**



Mona faz um depoimento emocionante sobre seu pai, Salman Btaddini, a quem era muito ligada. Ao lado, a pequena família: Salman, a esposa, Rima, os filhos, Mona e Monir, e o neto, Walid



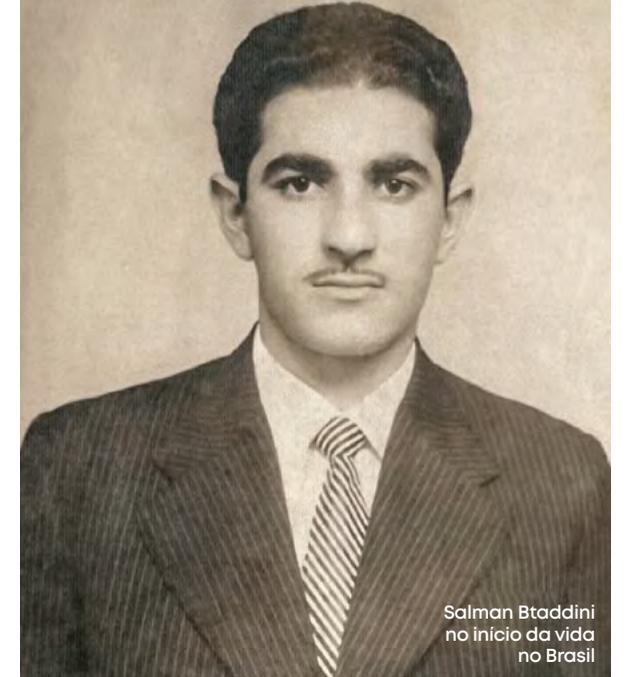
FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

A trajetória dos imigrantes libaneses que vieram para o Brasil é semelhante. O início difícil, muito trabalho - na maioria das vezes como mascate - e uma família sempre unida. Salman Btaddini viveu essa trajetória e fez do Brasil sua pátria, seu lar, onde cresceu e prosperou. O proprietário das Lojas Paranoá, de Goiânia, que começou vendendo roupas e agora comercializa malas, morreu em janeiro de 2019, aos 85 anos, deixando um legado de honestidade, sinceridade e trabalho. Para saber mais sobre essa história, a redação da Carta do Líbano entrevistou a filha de Salman, a biomédica Mona, que nos contou a vida do pai, cheia de sacrifícios, suas lutas e conquistas.

Salman Btaddini nasceu em Daher al-Ahmar, no Líbano, em 25 de janeiro de 1934. Filho de Faride Btaddini e Youssef Btaddini, ele teve nove irmãos, sendo quatro mulheres e cinco homens. Mas era ele uma das principais forças de trabalho da família. “Meu pai contava que era sempre quem mais trabalhava no pastoreio. Enquanto os irmãos dormiam embaixo das árvores, ele cuidava dos cabritos, apanhava chuva e passava muito frio”, diz Mona.

## NO CAMINHO DAS PEDRAS

Aos 15 anos, Salman pediu autorização aos pais para sair do país. A princípio eles não concordaram, mas acabaram cedendo. “Na época, meu avô fez um novo documento de identidade para meu pai, com a idade de 18 anos, e ele



Salman Btaddini no início da vida no Brasil



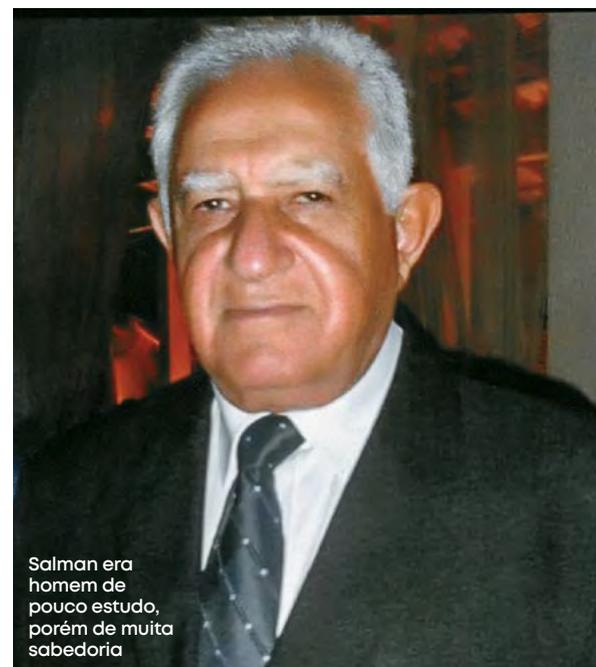
O casamento de Salman e Rima no Líbano, em 1981

Entre seus irmãos, Salman era quem mais trabalhava no pastoreio, no Líbano. Ele cuidava dos cabritos, apanhava chuva e passava muito frio, segundo sua filha Mona

# Ambicioso, aos 15 anos Salman pediu autorização aos pais para deixar o Líbano. A princípio eles não concordaram, mas acabaram cedendo

embarcou sozinho em um navio, na 3ª classe”, conta a filha. Durante um mês de viagem, o rapaz pode ver bons restaurantes ao circular pelo navio e pensou que um dia poderia comer em um deles. O desembarque aconteceu no Paraná, mas Salman não gostou do local. Quis mudar de destino e, em apenas 30 dias, mudou-se para Goiânia, não sem antes passar por uma aventura: “Como veio com o dinheiro contado para a viagem, ele acabou pegando uma carona de caminhão até sua nova cidade. Porém, não havia espaço na carroceria, que estava carregada de pedras e ele acabou fazendo toda a viagem no maior desconforto”, relata Mona, que descobriu o episódio apenas recentemente.

Do “doloroso” caminhão, Salman saltou na Praça do Relógio, local que na época não contava com asfalto, era só chão de terra batida. Ali decidiu ser mascate, vender roupas de porta em porta. Contou com o apoio de amigos, patrícios com quem encontrou na cidade e já possuíam lojas. Nesse início de vida em Goiânia contou com a ajuda fundamental de uma senhora libanesa chamada Sarah, que permitiu que o rapaz - agora conhecido como Salomão - morasse em sua pensão e só pagasse quando tivesse o dinheiro. Segundo Mona, “ela lhe ofereceu hospedagem, alimentação e foi praticamente uma mãe para ele”. Com o passar do tempo ele progrediu e, em 1954, finalmente inaugurou sua própria loja de roupas. Era um espaço alugado na Rua 4, onde até hoje está situado o hoje estabelecimento comercial



Salman era homem de pouco estudo, porém de muita sabedoria



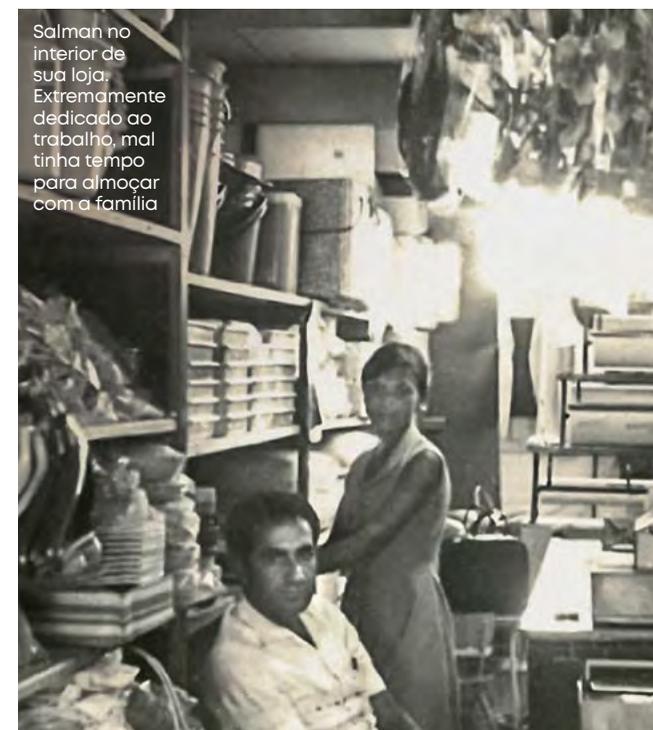
Dona Faride Btaddini, mãe de Salman, com as filhas

familiar. Mona conta que o pai sempre trabalhou no ramo de vestuário, mas há cinco anos optou por comercializar malas. O nome veio do Lago Paranoá, de Brasília, que Salman conheceu ao visitar a então nova capital do país e gostou do lugar.

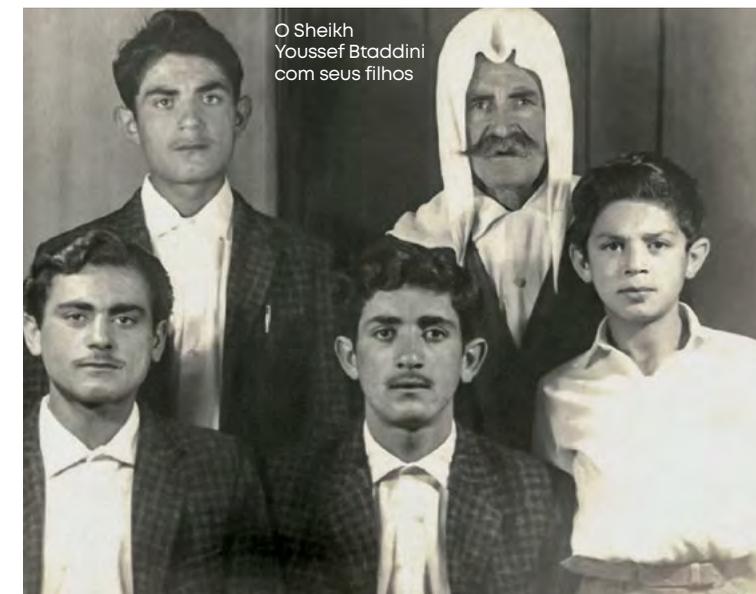
Salman era um homem de pouco estudo, porém de muita sabedoria. Mal sabia escrever e sua assinatura era a de uma pessoa humilde. Mas gostava de ler: “Sabia tudo de política, do Brasil e do mundo, e conversava sobre todos os assuntos. Era um homem muito inteligente”, celebra a filha.

## ANCESTRALIDADE ILUSTRE

Um dos orgulhos da vida de Salman era ser descendente direto de um oficial que serviu no exército do emir Fakhr-eddine II Maani (1591-1635), o fundador do Líbano moderno e seu governante mais importante. Na década de 1610, Fakhr-eddine derrotou os principais adversários, Yussef Sayfa e o emir Mansur Ibn Furaykh. Essa vitória, juntamente com o ataque a Damasco em 1607, com outros aliados locais, alarmou os conquistadores otomanos.



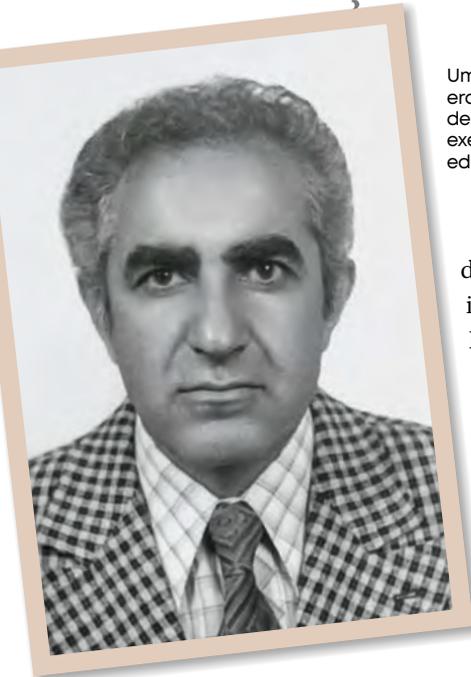
Salman no interior de sua loja. Extremamente dedicado ao trabalho, mal tinha tempo para almoçar com a família



O Sheikh Youssef Btaddini com seus filhos



# Salman foi pai com quase 50 anos e decidiu oferecer aos filhos aquilo que não teve na infância: casa, alimento, educação e conforto



Um dos orgulhos de Salman era ser descendente direto de um oficial que serviu no exército do emir Fakhr-eddine II Maani (1591-1635)

Na tentativa de alcançar a independência do Líbano, ele assinou um acordo secreto contra os otomanos com o italiano Ferdinand I da Toscana. Porém os otomanos descobriram essa associação e ordenaram que Ahmed al-Hafiz,

governador de Damasco, os atacasse. Fakhr-eddine temporariamente abdicou do principado em favor de seu irmão, Yunus, e de seu filho, Ali, passando os próximos cinco anos exilado em Florença. Ao retornar ao Líbano, governou o país por 15 anos. Em 1623, Mustafa Bacha, governador de Damasco, envolveu-o em uma guerra, mas foi derrotado na batalha de Anjar, no vale do Bekaa. Impressionado com a vitória de Fakhr-eddine o sultão otomano lhe concedeu o título de Sultão al-Barr.

Em seus últimos anos, Fakhr-eddine II passou a controlar todo o território do moderno Líbano, além das províncias do Safad, Ajloun e outras partes da Transjordânia. Inconformados com o crescimento do poder do emir libanês,

o governador de Damasco, Kucuk Ahmed, foi despachado com um exército pelo império otomano para enfrentar Fakhr-eddine II, que foi derrotado e levado a Istambul, onde foi executado em 1635, junto com o irmão Yunus, e o filho, Ali.

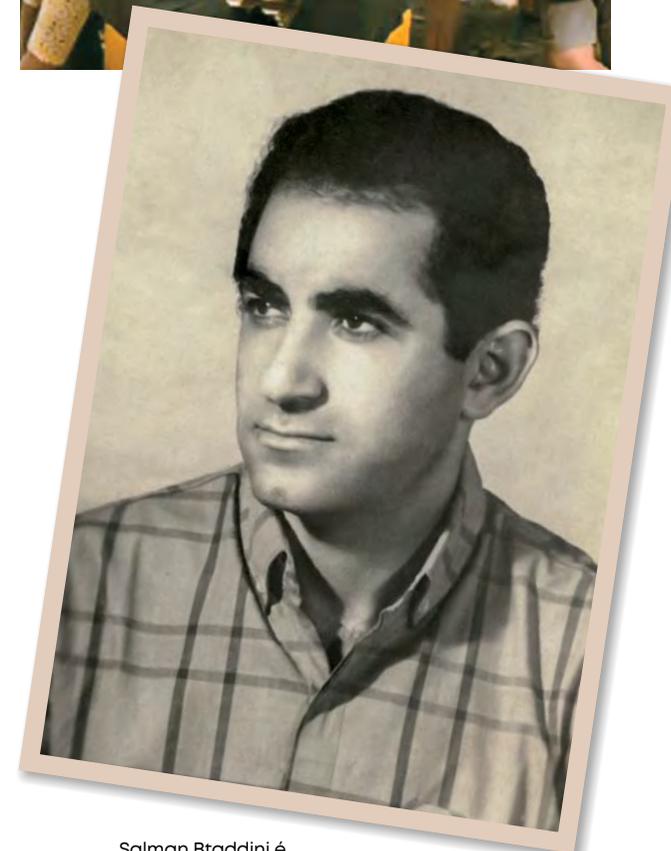
## FAMÍLIA, O BEM MAIS PRECIOSO

Salman Btaddini era muito dedicado ao trabalho e não tinha tempo para almoçar com a família. Mona admite: “Meu pai era um homem de poucas palavras e muito severo, mas às vezes acabava revelando detalhes de seu passado”. Por exemplo, contou que morou de aluguel em um dos imóveis que mais tarde acabou comprando, e que na época era sujo, sem condições de ser habitado. “Ele dormia no chão, em meio a ratos”, conta. “Por isso nos ensinava que deveríamos valorizar muito aquilo que temos, sendo pessoas honestas e trabalhadoras”.

Apaixonado pelo Brasil, Salman só retornou ao Líbano uma única vez, em 1981. Ele voltou ao país para se casar, pois decidiu que sua esposa deveria ser libanesa. “Disseram a ele que na casa de minha mãe havia uma moça querendo se casar, a irmã dela. Mas ele chegou, viu minha mãe, Rima, que tinha apenas 17 anos, e ela também gostou dele. Eles se casaram depois de um noivado de apenas 30 dias e hoje iriam completar 38 anos de casados”, conta Mona, emocionada. Do casamento,



Os três netos de Salman, filhos de Mona: Wálid, e os gêmeos, Maya e Rayan. Eles eram a razão de viver do avô



Salman Btaddini é admirado pela família e amigos por sua trajetória, que poderia ter sido a de qualquer um de nós



Salman Btaddini e seu Fusca

nasceram dois filhos. Mona, em 1982, e Monir, em 1984. Salman foi pai com quase 50 anos e decidiu oferecer aos filhos aquilo que não teve na infância e considerava essencial: casa, alimento, educação e conforto. “Era a maneira como ele sabia amar”, conclui a filha. “Tenho muito amor por ele, orgulho e consideração”.

Totalmente voltado para o trabalho, eram raros os momentos de lazer de Salman com os filhos, como as idas à Caldas Novas e os passeios em um antigo clube da cidade, o Itanhangá - e, nos últimos tempos, o Clube Jaó. A família também visitava o sítio dos amigos Saleh Hijaz e Amale Hijaz, que Salman considerava como irmão. Mais tarde, se tornaram família mesmo, quando Mona se casou com o filho do casal, Maziad Saleh Hijaz.

Se Salman era reservado e tinha certa dificuldade para expressar seu amor pelos filhos, com os netos a história era completamente diferente. Seus três netos, filhos de Mona - Walid, de 9 anos, e os gêmeos, Maya e Rayan, de 4 anos e meio - eram tudo para o avô. “Ele se abria mais com os netos, principalmente com a Maya, que era o seu xodó. Meu pai dizia que tudo que tinha na vida não valia nada diante dos netos, sua maior riqueza”, lembra. “Meus filhos eram sua maior alegria e ele dizia que agora podia morrer, porque morreria feliz graças a eles, a grande paixão da sua vida”. ■

## ARTIGO

Por Edmo Atique Gabriel\*



# CUIDE BEM DO SEU CORAÇÃO

**A prevenção do infarto do coração pode ser feita de duas formas – mudando o estilo de vida e periodicamente fazendo exames no cardiologista**

**P**ode ocorrer um infarto do coração durante uma relação sexual? Pode ocorrer um infarto do coração durante as atividades físicas na academia? Pode ocorrer um infarto do coração durante uma partida de futebol com os amigos?

A resposta é afirmativa, ou seja, o ser humano, mesmo em momentos de lazer e prazer, pode ser vítima de um infarto do coração. O infarto é algo imprevisível quando mata o indivíduo, sem ao menos dar uma chance de chegar ao hospital e passar por algum procedimento na tentativa de desobstruir as artérias entupidas.

Dessa forma, a primeira questão a ser ponderada é o que seria o infarto do coração. Nosso coração é um órgão complexo, dependente da contração de um músculo chamado miocárdio. O miocárdio, por sua vez, contrai de forma organizada e gera pulsos que são os batimentos cardíacos, os quais permitem que o sangue seja conduzido para todos os órgãos e ocorra a oxigenação de todas as estruturas de nosso organismo. O que dá vitalidade ao miocárdio, permitindo que o mesmo bata sem parar durante toda nossa vida, é a presença de artérias que nutrem com sangue o miocárdio. Estas artérias são conhecidas como artérias coronárias. Quando há entupimento destas artérias, o miocárdio começa a “sentir” esta falta de nutrição sanguínea e o resultado imediato pode ser

a incapacidade do miocárdio bater de forma efetiva. Nos casos extremos, quando o miocárdio cessa seus batimentos, temos o infarto do coração.

O esforço físico intenso, como na academia e na relação sexual, aumenta a necessidade de nutrição sanguínea para o miocárdio. No entanto, quando previamente as artérias coronárias se encontram com muitos entupimentos, a soma do esforço físico com a falta de nutrição sanguínea pode matar uma pessoa.

Neste contexto do esforço físico, o mais alarmante é que o indivíduo muitas vezes não sabe que tem entupimentos nas artérias coronárias, uma vez que não faz nenhum tipo de prevenção.

A prevenção do infarto do coração pode ser feita de duas formas – mudando o estilo de vida e periodicamente fazendo exames no cardiologista. Mudar o estilo de vida significa cessar o tabagismo, não ingerir gorduras em demasia, evitar sobrepeso, intercalar atividades de lazer com as atividades profissionais (tirar férias não é pecado !!) e fazer atividades físicas com orientação profissional. Frequentar periodicamente o cardiologista é fundamental para realizar exames que mostrem como está a saúde do coração e também para saber o que pode fazer em termos de atividade física. Dessa forma, certamente o risco de um infarto do coração diminui e pode-se curtir a vida com qualidade e por bastante tempo. ■

*\*Edmo Atique Gabriel é médico cardiologista*



**Prof. Dr. Edmo Atique Gabriel**

CRM 105226

Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular

Professor Livre-Docente com Especialização nos EUA

Coordenador Curso de Medicina Unilago de São José do Rio Preto

Conselheiro da Comissão Nacional de Residência Médica e Comissão Nacional de Supervisão de Escolas Médicas

Membro do Corpo Clínico do Hospital do Coração de São Paulo, Hospital Sírio-Libanês, Hospital Albert Einstein

Atendimento semanal das cidades de São José do Rio Preto e São Paulo

Atendimento programado no Rio de Janeiro e Brasília

### CONTATOS

[www.drgabrielcardio.com.br](http://www.drgabrielcardio.com.br)

Consultório São José do Rio Preto: (17) 35121970

Consultório São Paulo: (11) 25922920 ou (11) 970943029

Consultas no Rio de Janeiro ou Brasília: (11) 983780126



Daniel Abreu e Mônica recebem o casal Tânia Bulhões e Pedro Grendene



Monica Hial, exuberante na comemoração dos seus 50 anos em Portugal



Vaniana Helou e Mônica

FOTOS: GIOVANNA FRANGE

## PORTUGAL

# PURO GLAMOUR!

Tudo no maior alto astral dessa linda mulher, descolada e cheia de vida!

Em Portugal, Mônica Hial Abreu recebeu familiares e amigos para comemorar o aniversário com duas festas. Tudo no maior alto astral dessa linda mulher, descolada e cheia de vida!

Foi no primeiro fim de semana de março, em terras portuguesas, que a blogueira e empresária Mônica Hial de Abreu comemorou seus 50 anos muito bem vividos. E não fez por menos, foram duas festas perfeitas em todos os detalhes. A primeira, no Forte da Cruz, em Estoril, era no estilo Grande Gatsby, quando as mulheres arrasaram nos looks anos 20 e os homens vestiram smoking para acompanhá-las. E a segunda, no Alcântara Café, em Lisboa.

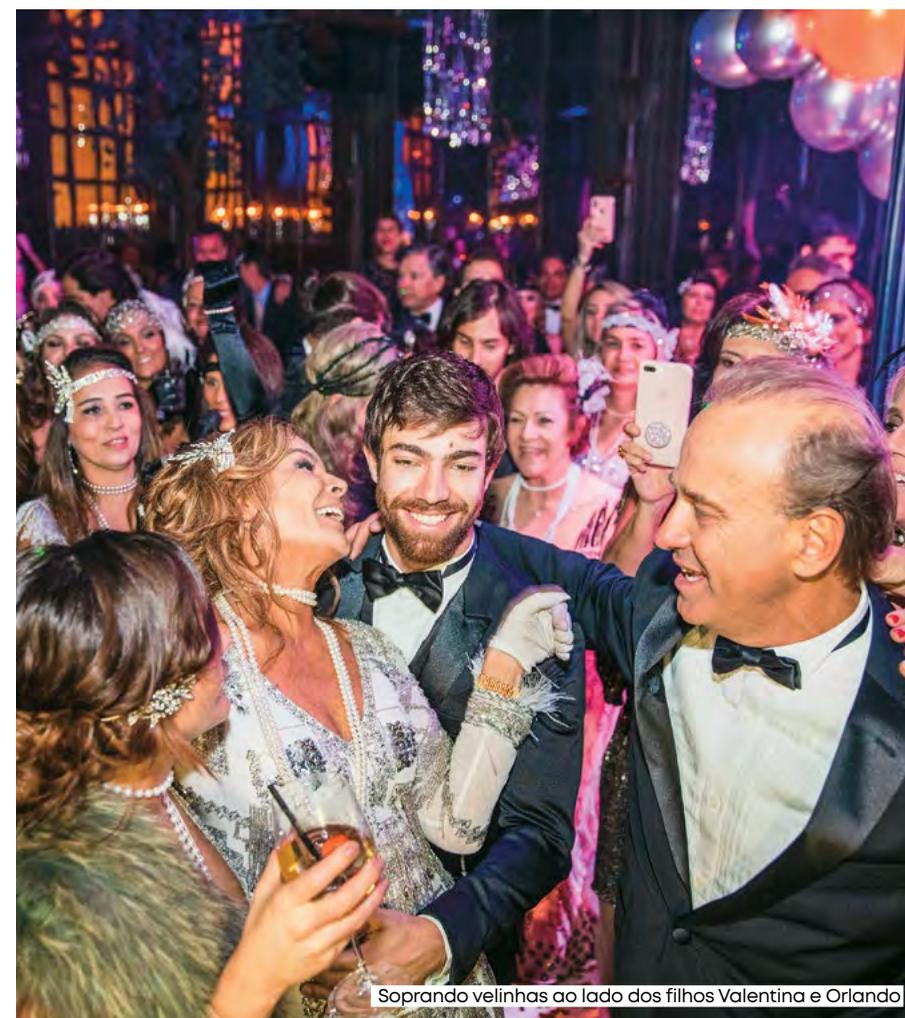
Colaborou Virginia Abdalla de Uberaba



Com os amigos Marta e Luiz Carlos Frange Montes



Mônica com a socialite Meg Andrade



Soprando velinhas ao lado dos filhos Valentina e Orlando



Convidados VIP, Manu e George Touma

Foram duas festas perfeitas em todos os detalhes



Mônica com as amigas Cristiana, Cristina e Eliana Palis Duarte



Com a artista plástica Nana e seu marido Ronaldo Rodrigues da Cunha



Com Virginia Adriano



A editora de moda Cristina Vasques e sua filha Florença



Todos os Abreu reunidos



A consulesa do Líbano, Fernanda Bitar, o casal Laila e Georges Freiha, monsenhor Georges Khoury, padre Samuel Taniós Madel, padre Roger Baracat, cônsul-geral Alejandro Bitar, dom Theodore Ghandour e os anfitriões, Elia e Salma Freiha



Vaniana Cecílio Helou, Vania Leisa Cecílio Pavel, Humberto Resende e Virginia Rafa Cecílio Resende

# MOMENTOS ESPECIAIS

Ao viajar pelo Brasil, há momentos de grande ternura que não se pode deixar de registrar. Como o almoço oferecido pelo empresário Elia Freiha e sua mulher, Salma, em homenagem ao cônsul-geral do Líbano no Rio de Janeiro, Alejandro Bitar, e a consulesa, Fernanda Bitar. O encontro contou com a presença dos líderes religiosos da Comunidade na Cidade Maravilhosa.

Também vale lembrar os jantares oferecidos pelo casal Humberto Resende e Virginia Rafa Cecílio e por dona Vania Leisa Cecílio Pavel, em homenagem à revista Carta do Líbano, em Uberaba.

Agradeço também a atenção dada pela superintendente do Arquivo Público de Uberaba, Marta Zednik. ■



Marília Cecílio Resende, Liene Resende Cruz, Luciana Leite Rodrigues da Cunha e Vaniana Cecílio Helou



Faeza Rezende, Vaniana Cecílio Helou e Fouad Naime, na ABCZ



Marta Zednik e Fouad Naime

As mulheres arrasaram nos looks anos 20 e os homens vestiram smoking para acompanhá-las

Ao viajar pelo Brasil, há momentos de grande ternura que não se pode deixar de registrar



Nadine Labaki é uma atriz, roteirista e cineasta libanesa. Como reconhecimento, foi indicada ao Oscar 2019, na categoria Filme Estrangeiro, por "Cafarnaum"

FOTOS: REUTERS

# SENSIBILIDADE E DENÚNCIA SOCIAL SE ENCONTRAM EM "CAFARNAUM"

A lendária cidade bíblica serve como título para o terceiro filme da cineasta libanesa Nadine Labaki, vencedor de um prêmio no Festival de Cannes e indicado ao Oscar 2019

**O**s primeiros 17 anos da atriz e cineasta libanesa Nadine Labaki foram vividos em um país em guerra - a Guerra Civil do Líbano, encerrada em 1991. Isso com certeza formou o olhar e a sensibilidade da artista para os dramas humanos e as mazelas sociais. O terceiro filme dirigido por ela, "Cafarnaum", não só conquistou o Prêmio do Júri no Festival de Cannes, no ano passado, como foi um dos indicados ao Oscar de Filme Estrangeiro em fevereiro último. Trata-se de uma epopeia social e realista que apresenta uma imagem explosiva da infância desamparada e marginalizada do Líbano.

O nome da cidade bíblica, Cafarnaum - onde Jesus realizou muitos de seus milagres - dá o título para a história do garoto Zain, habitante das favelas de Beirute - que viram sua população de miseráveis crescer drasticamente nos últimos anos com a chegada de refugiados sírios e africanos. Aos 12 anos, ele praticamente sustenta a família de muitos irmãos, enfrenta problemas com a lei e conhece uma refugiada etíope que deixa seu bebê aos cuidados dele enquanto some no mundo. O drama potente foi aclamado pela crítica internacional - que o comparou às obras do cinema neorealista italiano dos anos 1950 - e tem emocionado plateias em todo mundo, com uma mistura inusitada de violência e ternura.

"O debate já está sobre a mesa e era meu objetivo criar esse impacto, abrir a discussão", declarou a diretora, que também aparece como atriz no filme. em um pequeno papel, sobre o impacto social que imprimiu em sua obra. Aos 45 anos, Nadine ganhou projeção mundial com seu primeiro filme, "Caramelo", sobre as vidas de um grupo de mulheres frequentadoras de um mesmo salão de beleza em Beirute. Ela acredita que seu status de celebridade é



## O trabalho de Nadine Labaki aborda vários temas delicados em uma sociedade castigada pela desigualdade



Nadine Labaki e o garoto Zain, o protagonista do filme, ao receberem o Prêmio do Juri no Festival de Cannes

uma oportunidade para chamar a atenção de todos para importantes questões sociais: "Sinto que é um dever, não só uma possibilidade", diz. "E foi o que procuramos fazer. Mostrar o filme para as autoridades do governo, organizar mesas redondas com juizes e advogados. Talvez o filme exerça uma grande influência sobre a opinião pública, talvez não, mas precisamos tentar", avalia. Em "Cafarnaum" estão em cena não apenas os libaneses que vivem abaixo da linha da pobreza, mas também os imigrantes e os refugiados que vivem sem documentos e sem esperanças. O trabalho de Labaki aborda vários temas delicados em uma sociedade castigada pela desigualdade.

Existem paralelos entre o roteiro e a vida real dos personagens que são inquietantes. Por exemplos, as duas mães do bebê Jonas, a verdadeira e a do filme, foram presas durante as gravações, enquanto eram filmadas as cenas que mostram Zain e Jonas vagando pelas ruas de Beirute. No filme, o garoto Zain sonha em escapar da miséria e viver na Suécia. Hoje, o menino que interpreta Zain (Zain al-Rafeea) está na Noruega com sua família, que conseguiu asilo

político, morando em uma casa perto do mar. "Não sei como isso tudo aconteceu. Talvez seja porque o roteiro era inspirado em uma realidade que tinha de acontecer", arrisca a diretora.

Desde o lançamento, "Cafarnaum" acumulou indicações aos grandes prêmios do circuito cinematográfico: o César francês, O Oscar e o Globo de Ouro, americanos, e o Bafta britânico. Para alguns detratores, o filme peca pelo excesso, mas Nadine Labaki declara que moderação não faz parte de sua cultura: "É como se as pessoas, especialmente os críticos, quisessem que o cinema de todo o mundo fosse igual. Deixem que cada país aporte sua própria identidade", dispara. "É realmente dolorido ouvir definições como 'poverty porn' (pornografia da miséria) ou ser acusada de 'manipulação emocional'. Não há muita invenção nesse filme, tudo o que está lá é a realidade", afirma. Nadine se define como uma ativista, quer mobilizar os espectadores e cobrar ações de quem realmente decide em um país onde uma grande parte da população denuncia e protesta contra a corrupção da classe política. ■



# O LÍBANO É NOSSA PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: [libano.gov.lb/](http://libano.gov.lb/)



O presidente Camille Chamoun com a primeira-dama, Zalfa Tabet Chamoun. O país viveu seu melhor momento de estabilidade, riqueza e oportunidades para todos durante seu mandato, entre 1952 e 1958

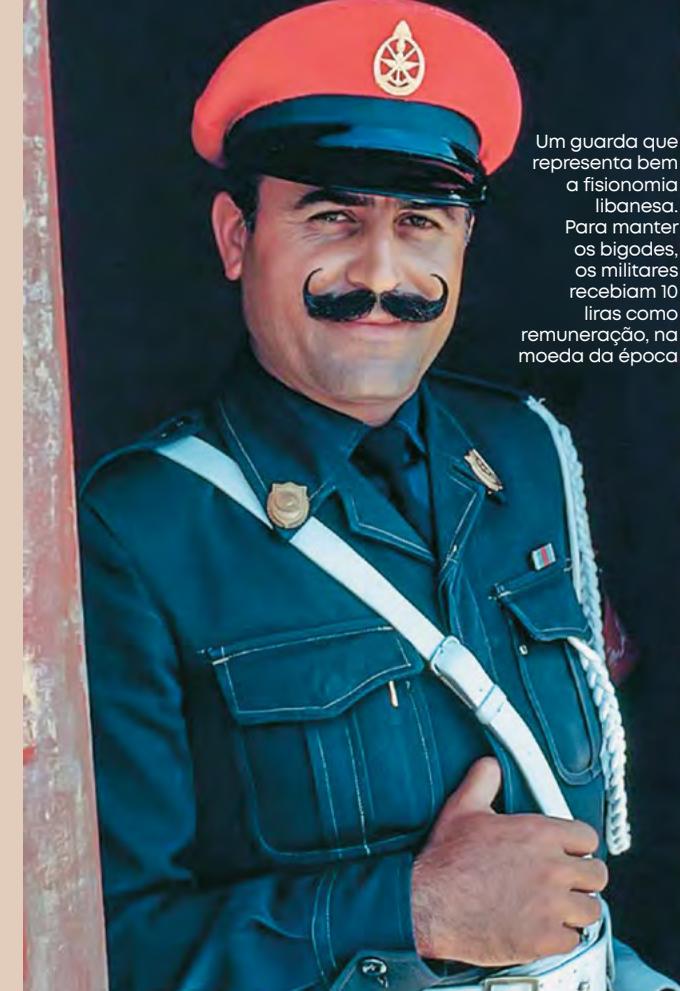
# UM PAÍS EM SEU MELHOR MOMENTO

Progresso econômico, efervescência cultural, alta qualidade de vida. Assim era o Líbano entre o final da Segunda Guerra e os anos 1970. Resultado de um passado conturbado e prenúncio de um futuro incerto

FOTOS: DIVULGAÇÃO



O concurso de Miss Libano



Um guarda que representa bem a fisionomia libanesa. Para manter os bigodes, os militares recebiam 10 liras como remuneração, na moeda da época



Rua Weygand, 1971

# Os primeiros indícios de civilização no Líbano remontam há mais de sete mil anos, porém, sua história começou efetivamente a ser escrita após o colapso do Império Otomano

**A** centenária trajetória da Associação Beneficente Síria começa como consequência da I Guerra Mundial. Um grupo de senhoras da comunidade árabe, em São Paulo, criou em 1918 a Sociedade Refúgio dos Órfãos para acolher crianças que perderam os pais no violento conflito. Empenhadas em atender menores carente, elas tiveram que superar inúmeros obstáculos e dificuldades, mas viram seus esforços recompensados e passaram a receber também outros pacientes em busca de cuidados. Depois de quase três décadas, em 1947, a Associação marca um grande feito: a inauguração do Sanatório Sírio de Campos do Jordão destinado ao tratamento de doenças torácicas, sob a direção clínica de Pedro Taufik Camasmie. Novamente um grande empenho e esforço para a compra de equipamentos e composição do corpo 0% de ocupação, com filas de espera para cirurgias. A instituição foi se tornando ratene, em homenagem ao primeiro diretor-geral do HCor, que veio a falecer dez meses depois. O prédio de 13 andares e cinco subsolos abriga duas salas híbridas: uma destinada à Neurocirurgia e outra à Cirurgia Cardiovascular. Ambas reúnem exames sofisticados de imagem para maior precisão e segurança aos procedimentos.

Os primeiros indícios de civilização no Líbano remontam há mais de sete mil anos, porém, sua história começou efetivamente a ser escrita após o colapso do Império Otomano, no final da Primeira Guerra Mundial, quando as cinco províncias que hoje compõem o país ficaram sob o domínio da França.

Em 31 de agosto de 1920, para honrar as promessas feitas ao patriarca maronita Elias

Hoayek, o governo francês, em um de seus primeiros atos pós-guerra, restaurou ao Líbano suas fronteiras históricas. Na ocasião, o general Gouraud proclamou a formação do Estado do Grande Líbano, tendo Beirute como capital. Nesta data, houve a reunificação de todos os territórios anteriormente separados – a própria Beirute, as cidades marítimas Tripoli, Sidon e Tiro, e as áreas do interior Baalbek, Bekaa, Hasbaya, Rachaya e Marjayoun. No dia seguinte, 1º de setembro, o general declarou o país independente. Apesar disso, a amizade entre as duas nações era um tanto frágil.

Ao mesmo tempo em que a França levou ao Líbano paz e civilização, fazendo seus cidadãos deixarem no passado os pesadelos vividos na época do Império Otomano, seus altos comissários (general Gouraud, de junho de 1920 a maio de 1923; general Weygand, de maio de 1923 a dezembro de 1924; general Sarrail, de dezembro de 1924 a novembro de 1925, e senador Henri de Jouvenal, de novembro de 1925 a setembro de 1926, só para citar alguns), atuavam como colonialistas autoritários. Com isso, acabaram provocando descontentamento e revolta. Mas, com a ajuda dos liberais na própria França, formou-se um movimento que levou, no dia 23 de maio de 1926, à proclamação da República e a criação da primeira constituição libanesa. Essa constituição adotava um sistema bicameral, ou seja, de Parlamento e Senado, e contava com um presidente eleito pelas duas câmaras. O Senado foi abolido em 17 de outubro de 1927, e nunca mais restabelecido. O Poder Legislativo, então, passou a pertencer a uma câmara única, o Parlamento. Ainda assim, o governo francês detinha o poder, inclusive com autoridade para dissolver o Parlamento e suspender a Constituição.

Em 26 de maio de 1926, Charles Debbas foi



Antigo ícone da hotelaria de luxo em Beirute, o hotel São Jorge, 1958



Alfaiate do tradicional traje oriental masculino



Bechara el-Khoury, primeiro presidente do Líbano independente



Atendente do Cassino do Líbano



O poeta e músico Assi Rahabani com Fairouz e Um Kalthoum, astros do mundo árabe



Vista geral de Beirute em 1968



Charles Malik, diplomata libanês e redator da Declaração Universal dos Direitos Humanos



Ramlet al-Bayda nos anos 1960



Passeio à beira-mar, Beirute nos anos 1960



Zeitouneh, Beirute, nos anos 1960



Riad Solh, primeiro-ministro e um dos heróis da independência do Líbano, junto a seu pai, Reda Solh, 1924

eleito o primeiro presidente da República do Líbano. Depois vieram Habib al-Saad, em 1932, e Emile Eddé, em 1936. Em setembro de 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial e a ocupação da França pelos nazistas, no ano seguinte, o governo colaboracionista de Vichy nomeou como alto comissário o general Dentz, que depôs o presidente Emile Eddé e designou Alfred Naccache como chefe de Estado.

### NA GUERRA, UM CAMINHO PARA A LIBERDADE

Em 1941, as forças da França Livre, comandadas por Charles de Gaulle, e as forças britânicas invadiram o Líbano e a Síria, expulsando o Governo de Vichy. Depois dessa ação, e para ganhar a simpatia das populações dos dois países, proclamaram mais uma vez a independência de ambos, em 8 de junho. A vitória das forças aliadas fez o governo francês

relaxar (mais uma vez) em relação às promessas feitas, mas a pressão popular o lembrou e, assim, o general Catroux, novo alto comissário no Líbano, declarou – pela terceira vez – a independência, em 26 de novembro de 1941, imediatamente reconhecida pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética e países árabes e asiáticos.

Nesse período, Ayoub Tabet foi nomeado chefe de Estado, substituindo Alfred Naccache. Apenas três meses depois, entrou em seu lugar Pedro Trad. Em 29 de agosto de 1943, houve eleições legislativas, e o novo Parlamento escolheu Bechara el-Khoury como presidente e passou a revisar a Constituição para, enfim, efetivar a independência, abolindo os artigos que davam poderes ao Alto Comissariado francês. A reação da França veio na sequência. Em 11 de novembro do mesmo ano, o alto comissário Helleu mandou um destacamento senegalês prender

o presidente, o primeiro-ministro e outros membros do governo e do parlamento libaneses que foram encarcerados no Forte de Rachaya.

Suspensa a Constituição e dissolvido o Parlamento, Emile Eddé assumiu como chefe de Estado. Mas a população do país não ficou calada, sendo apoiada pelos países árabes e a opinião pública mundial, especialmente a anglo-americana. A França, então, recuou, e libertou os políticos em 22 de novembro de 1943, data que passou a ser celebrada como o Dia da Independência do Líbano.

Um acordo selado entre as duas nações determinava a retirada das tropas francesas do território libanês 31 de dezembro de 1946, iniciando uma nova era no país. E, apesar dos muitos abusos e falhas, todo esse período trouxe benefícios: colocou o Líbano em contato com civilizações e culturas mais adiantadas e ricas - Beirute tornou-se a Paris do Oriente - e o fez tomar consciência de seus poderes, preparando o país para viver uma de suas épocas mais brilhantes.

### UM PERÍODO DE PROSPERIDADE E SONHOS

A partir de 22 de novembro de 1943 o Líbano finalmente começou a agir novamente como nação soberana e, aos poucos, foi restabelecendo os serviços e as responsabilidades que ainda estavam sob a autoridade da França. Em 27 de fevereiro do ano seguinte, declarou guerra contra a Alemanha e o Japão e, em 22 de março, se uniu com mais seis países árabes independentes fundando a Liga dos Estados Árabes. No mesmo ano, participou da Conferência de San Francisco e tornou-se membro-fundador da Organização das Nações Unidas (ONU). Também assinou tratados, tomou parte em congressos internacionais e enviou missões diplomáticas às principais capitais do mundo.

Junto com a estrutura internacional, o país teve a oportunidade de edificar seu modo de vida, com o culto à liberdade, confiança na iniciativa privada, respeito pela diversidade de pensamento, de sentir e de viver, estímulo à competição criadora, fé nos valores humanos e obediência à legalidade, conhecendo um período de muito progresso. Nação privilegiada pelo clima, localização, riquezas, história e população, o Líbano viveu, de 1943 a 1975 como uma república democrática, com lutas políticas e crises sociais desenvolvidas dentro de

instituições básicas e respeitadas por todos. O Poder Legislativo era exercido por um Parlamento formado de quatro em quatro anos através do voto, e pelo Poder Executivo, com um presidente escolhido pelo Parlamento para um mandato extensível de seis anos.

Durante todos essas três décadas, nenhum Parlamento foi dissolvido e nenhum presidente derrubado. Os mandatários do país foram Bechara el-Khoury (advogado, que começou sua missão antes da consolidação da independência e finalizou-a em 21 de setembro de 1952), Camile Chamoun (também advogado, ficou no cargo de 22 de setembro de 1952 até 21 de setembro de 1958), Fouad Chehab (general, de 22 de setembro de 1958 até 21 de setembro de 1964), Charles Helou (jornalista, de 22 de setembro de 1964 até 21 de setembro de 1970), Suleiman Frangieh (líder popular, de 22 de setembro de 1970 até 21 de setembro de 1976) e Elias Sarkis (funcionário público, a partir de 22 de setembro de 1976).

Composto por diversas comunidades religiosas (mulçumanas e cristãs), o governo dividiu entre elas os cargos públicos mais importantes. Os 99 deputados que compunham o Parlamento pertenciam a elas, proporcionalmente à importância de cada uma. O Poder Executivo obedecia à mesma orientação – o presidente da República era maronita; o presidente do Conselho de Ministros, sunita; e o presidente do Parlamento, xiita. Os ministérios também foram distribuídos entre as diversas seitas, com flexibilidade cada vez mais acentuada. Reconhecidamente imperfeitas, e possivelmente até consideradas arcaicas e perigosas, essas disposições institucionais garantiram mais benefícios do que mazelas ao país, sendo o principal deles a paz interna.

Houve momentos de luta pelo poder, como em 1958, ainda assim a unidade da nação não foi quebrada, o que garantiu a sua prosperidade, tanto na política quanto na vida em geral (profissional, social, cultural e econômica). A liberdade conquistada – de expressão e ideológica, inclusive – foi reconhecida internacionalmente e era quase exceção no Oriente Médio, uma região cercada por guerras.

Seus principais jornais, como “An-Nahar”, “Al-Anuar”, “L’Orient-Le Jour” e “The Daily Star”, e revistas, como “Revue Du Liban”, “Magazine”, “Al-Usbuh Al-Arabi”, “Ach-Chabaka”, “As-Sayad” e “Al-Hauadess”, por exemplo, ganharam notoriedade

# A capital, inclusive, ultrapassou as ricas Tiro e Sidon, destacando-se por seu mercado de ouro, lojas e hotéis de luxo, universidades, vida social

mundial. O governo também permitia sátiras e paródias, sendo o Théâtre dès Diz Heures (em francês) e os Shows de Chuchu (em árabe), com suas críticas ferozes, as mais célebres revistas teatrais das agitadas noites de Beirute. O Líbano prezava a paz e a independência em todos os aspectos.

Também no período, o Líbano, que não produz carros, possuía mais veículos por habitante do que os grandes países fabricantes, como Rússia, Itália e Japão. Importava-se cinco vezes mais do que se exportava e não parava de crescer. Os produtos eram os mais variados: queijos, cervejas, conservas, tecidos, vinhos... As bases financeiras eram a libra libanesa e os bancos. Garantida por até 90% de seu valor em ouro e 10% em divisas raras e receitas governamentais, a moeda manteve o mesmo valor durante 30 anos, época na qual até o franco-suíço sofreu flutuações.

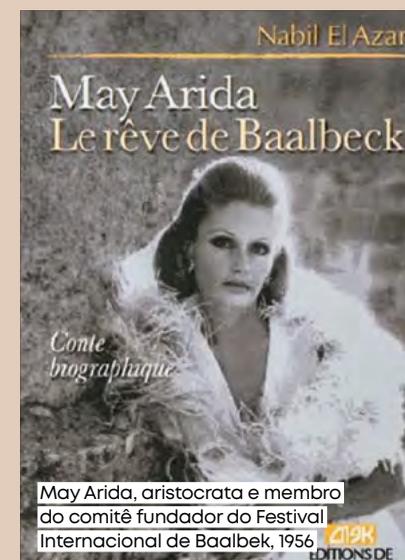
Os bancos do país entraram para história por, bem no meio da crise monetária global - que seguiu o primeiro aumento no preços do petróleo, em 1973 - apresentar excesso de liquidez. As principais instituições financeiras mundiais (italianas, francesas, norte-americanas, suíças, japonesas e até mesmo as russas) tinham sucursais ou representantes em Beirute. Noventa e quatro bancos constituíram o "Dólar-duto" ou "Ouro-duto", através do qual escoavam os bilhões do petróleo em busca de aplicações internacionais, e os capitais ocidentais, que fluíam sob a forma de mercadorias, aparelhos sofisticados e máquinas. Diversas multinacionais também contavam com centro de operações em Beirute, para todo o Oriente Médio. A capital, inclusive, ultrapassou as ricas Tiro e Sidon, destacando-se por seu mercado de ouro, lojas e hotéis de luxo, universidades, vida social, restaurantes, boates e prédios em refinado estilo

internacional. Só para se ter ideia do dinamismo e da vibração daquele momento, o jornalista britânico F. Edwards escreveu em seu livro sobre o Oriente Médio, que Beirute provavelmente tinha mais milionários por metro quadrado do que qualquer outra parte do mundo, com exceção de Nova York.

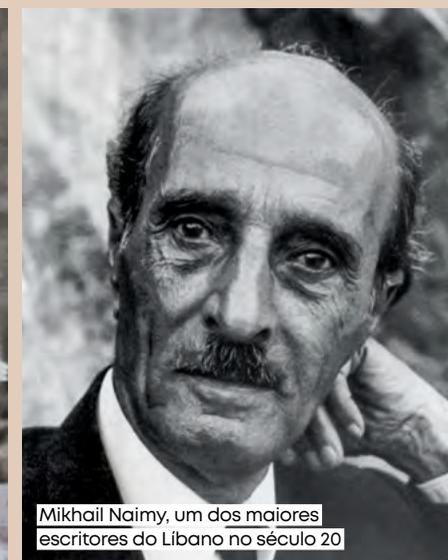
E o progresso não estava presente apenas nas altas classes e áreas nobres. Na verdade, ele se estendeu por todo o país, deixando a pobreza de lado. Nas aldeias agrícolas do Monte Líbano, ninguém mais fazia trabalho braçal - todos os anos, milhares de operários sírios atravessavam a fronteira para exercer essas atividades - e não havia empregadas domésticas (organizações especializadas as levavam de países africanos e das Ilhas Seychelles, no Oceano Índico).

A prosperidade deu ao Líbano um aspecto de civilização diferente de qualquer outra, pois lá se mesclavam o refinamento do Oriente e do Ocidente. Em seu cassino eram exibidos shows mais suntuosos do que do Lido de Paris. O Festival Internacional de Baalbek era realizado todos os anos, e contava com apresentações da Orquestra Sinfônica de Nova York e do Coral da União Soviética, entre outros, e encenações de peças de Shakespeare e Racine por companhias teatrais de Londres e Paris. Foi uma época de ouro e sonho para os libaneses, dando até a impressão de que o país ficava em uma ilha isolada, mas ao mesmo tempo totalmente conectada com o resto do mundo.

Ainda assim, muita gente sentia medo e o cheiro do perigo. Tudo parecia bom demais para ser verdade. E, infelizmente, os temores se concretizaram em abril de 1975, destruindo tudo o que se levou anos para construir. A partir de então, o Líbano nunca mais foi o mesmo. ■



May Arida, aristocrata e membro do comitê fundador do Festival Internacional de Baalbek, 1956



Mikhail Naimy, um dos maiores escritores do Líbano no século 20



Patriarca Elias Hooyek, o fundador do Grande Líbano



A tradicional rua Bab Idriss nos anos 1930



Os astros da música libanesa, Wadi Safi e Sabah



Pedestres na famosa rua Hamra, 1971



Joalheiro e clientes, Beirute

## ARTIGO

Por Verônica Rezek\*

# A CRISE HUMANITÁRIA NA VENEZUELA: HÁ SOLUÇÃO?



**A crise humanitária na Venezuela é gravíssima. É preciso agir com um pouco mais de autoridade sobre esse cenário**

**É** difícil encontrar uma saída sem confrontos armados para nossa vizinha Venezuela, que se afunda, cada vez mais, na pior crise de sua história. Aquele povo tem vivido dias difíceis marcados pela pobreza, fome, desemprego, precariedade do sistema de saúde, violência, tristeza, entre outras desgraças que o assola.

Nitidamente ilegítima a assunção ao poder de Nicolás Maduro por aniquilamento da oposição. Juan Guaidó, que foi legitimamente eleito para o parlamento e ali foi escolhido presidente, função que lhe impõe o dever constitucional de se declarar mandatário interino até que a situação se resolva com novas eleições - essas sim livres - assim o fez.

Fora da Venezuela as opiniões se dividem. Ninguém deste lado do mundo está ameaçando qualquer espécie de intervenção naquele país, a não ser Donald Trump. O fato é que o reconhecimento interino de Juan Guaidó foi feito pelos países que mais de perto sentem os efeitos dramáticos da crise humanitária em que mergulhou a Venezuela. É a Colômbia a principal vítima disso, com o Brasil e o Peru. Os líderes do além-mar - Rússia, Turquia, China - que estão longe da crueldade do cenário, possuem autoridade questionável para dizer que as coisas são diferentes daquilo que a Colômbia, o Brasil, o Peru, e outros países próximos e que sentem as consequências da crise humanitária, têm dito a respeito.

Quanto à troca de farpas entre Washington e Caracas, esse não é o cerne do problema, muito menos o caminho para a solução. Precisa acontecer um entendimento entre as lideranças mais conscientes do problema, e mais equilibradas, para apontar uma saída para essa problemática que

assola a Venezuela. O México e o Uruguai ofereceram mediação, mas por mais boa vontade que tenham, não conseguiriam agir como mediadores isentos, já que existem ali afinidades ideológicas. Provavelmente tentarão incentivar o povo venezuelano à paciência, à tolerância e à condescendência com mais algum tempo de administração Maduro. Já o Brasil mantém posição de equilíbrio e respeito ao Direito Internacional, ao princípio da autodeterminação dos povos, da não intrusão em assuntos internos de outros países e da colaboração à manutenção da paz.

É imperativo que haja o planejamento de um processo eleitoral sério em que a oposição possa concorrer em igualdade de condições no processo de disputa do poder. A solução seria o meio diplomático convencer os países que estão opinando de modo errado, embora não agressivo, de que deveria haver um esforço global para a solução do problema venezuelano por meios políticos, eleitorais e democráticos.

A crise humanitária na Venezuela é gravíssima. É preciso agir com um pouco mais de autoridade sobre esse cenário. O Brasil, que hoje é visto como um país mais radical do que foi no passado, teria qualquer tentativa de mediar a situação venezuelana rejeitada por Maduro. No entanto, aliado à Colômbia, ao Peru, aos Estados Unidos e a outros protagonistas globais, poderia fazer com que a política internacional exercesse a autoridade necessária com alguma força de pressão. Poderia dizer claramente a Maduro que se dê conta da gravidade da situação, algo que o México e o Uruguai dificilmente fariam.

Todavia, há de chegar o dia em que tudo isso será tão somente uma triste página virada da história dos povos. Esse dia não tardará. ■

*\*Verônica Rezek é advogada, sócia do escritório Francisco Rezek Sociedade de Advogados e especialista em direito internacional pela Academia de Haia.*



# CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes  
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

**(31) 3299-3000**



# CAMPANHA PRÓ NOVA SEDE DO CONSULADO GERAL DO LÍBANO EM SÃO PAULO

## MUDAR PARA SERVIR MELHOR

A comunidade libanesa de São Paulo tem indicado que deveríamos ampliar as instalações atuais de nosso Consulado, localizado na Avenida Paulista, num espaço modesto e insuficiente. Hoje, temos funcionários dedicados e competentes, mas instalações pequenas. A nova sede deve refletir a importância do Líbano e dos libaneses na história do Brasil e da humanidade. Estamos procurando esse novo local, mas precisamos de sua colaboração. Os doadores terão seus nomes gravados para sempre na recepção do novo Consulado, de acordo com a categoria de doação.

**BRONZE: R\$ 5.000,00** (cinco mil reais)  
**PRATA: R\$ 20.000,00** (vinte mil reais)  
**OURO: R\$ 50.000,00** (cinquenta mil reais)  
**PLATINA: R\$ 100.000,00** (cem mil reais)

**É UM MOMENTO  
HISTÓRICO.  
APROVEITE-O!  
CONTRIBUA AGORA  
COM O QUE PUDER!**

**BANCO SANTANDER,  
AGÊNCIA 3409, CONTA 13010501-5,  
CLIENTE CONSULADO GERAL DO LÍBANO,  
CNPJ 05.034.412/0001-66**